

Paula Fernandes Giuseppe Carvalho

**“FAZER PARTE DE ALGO ESPECIAL TE FAZ ESPECIAL”:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO VIRTUAL A PARTIR DA SÉRIE DE TV
*GLEE***

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social – Jornalismo – UFV
2014

Paula Fernandes Giuseppe Carvalho

**“FAZER PARTE DE ALGO ESPECIAL TE FAZ ESPECIAL”:
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO VIRTUAL A PARTIR DA SÉRIE DE TV
*GLEE***

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação
Social/ Jornalismo da Universidade Federal de
Viçosa, como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo.
Orientador: Prof. Dr. Henrique Moreira Mazetti

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social – Jornalismo – UFV
2014



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada “*Fazer parte de algo especial te faz especial*”: um estudo etnográfico a partir da série de TV *Glee*, de autoria da estudante Paula Fernandes Giuseppe Carvalho, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Henrique Moreira Mazetti
Curso de Comunicação Social – Jornalismo – UFV

Prof. Dr. Rennan Lanna Martins Mafra
Curso de Comunicação Social – Jornalismo – UFV

Leonardo Pereira
Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo – UFV

Viçosa, 24 de novembro 2014

*A todos os fãs incompreendidos pelo seu amor incondicional.
Principalmente àquela que se diz minha maior fã, minha
mãe, que também é minha maior e mais importante ídolo.*

Agradecimentos

Este trabalho é a conclusão de dois sonhos: minha graduação e poder estudar algo que tanto gosto e admiro. E isso só foi possível pois jamais estive sozinha.

Agradeço primeira e principalmente à minha mãe. Pela sua coragem, confiança, força, amor e crença (dentre tantas inúmeras outras atribuições) consegui perseverar nos meus objetivos, insistir mesmo nas dificuldades e enxergar além dos problemas. Minha melhor amiga, dona dos melhores conselhos, melhores palavras e melhores abraços. Minhas vitórias são para e por ela.

Agradeço também a Deus, não só pela Sua presença interior constante em minha vida, mas principalmente por ter sido o maior suporte para aquela que mais amo, minha mãe. Sua força a ajuda constantemente, o que me faz acreditar que há algo maior que todos nós.

Aos meus familiares, mesmo os distantes ou de consideração, obrigada pelo carinho e apoio. Meu pai e irmãos, avó, tios, tias, primos, principalmente à minha madrinha Terezinha, minha avó Vera, meu tio Deco, o amor deles me faz mais forte.

À minha amiga Sahra D'Angelo agradeço pela amizade, pelo apoio nos melhores e piores momentos, e por acreditar em mim, até quando eu não acreditei. Nossa amizade será eterna. Ela é parte de mim. Ao meu amigo Samuel Benigno, por ser o melhor irmão de todos, apesar de tudo. Não há companheiro como ele. Agradeço pelo amor desses dois, que já estão comigo há um bom tempo e assim permanecerão para sempre.

A UFV é um lugar mágico, que te leva aos extremos de tristeza e felicidade, te transformando em uma pessoa melhor, se assim você desejar. Ela me permitiu conhecer pessoas especiais que já são parte de mim. Sem elas também não teria conseguido. Ao meu eterno grupo, Marina Mattos, Patrícia Meireles, Pedro Vital, Thalita Fernandes e Verônica Valverde, meu profundo e mais sincero obrigada, por me aturarem por tanto tempo e serem as melhores pessoas, para todos os momentos. Meu coração pertence a vocês e não há distância ou tempo que nos separe. E à minha *roomate*, Ana Carolina Mattos, meu agradecimento eterno, por tudo que passamos juntas. Sentirei saudades.

A Universidade me proporcionou também um grande grupo de profissionais que me fizeram a Jornalista que sou hoje. Então agradeço a todos os funcionários do DCM, que por vezes me salvaram e resolveram meus problemas. Aos professores, não só da COM mas de outros cursos, por terem compartilhado seus conhecimentos comigo.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Professor Henrique Mazetti, pela paciência, por ter confiado em mim, ter dividido longas conversas e ter conseguido lidar com minha cabeça confusa. Suas opiniões me fizeram enxergar de outra forma. Sem sua ajuda e parceria não teria concluído este trabalho e não teria aprendido grande parte do que levo comigo agora.

Não posso deixar de lembrar dos meus amados *gleeks*, que fizeram do meu trabalho um prazer. Agradeço ao Wesley, por ter me dado todo o suporte dentro do *Glee Brasil*. Ao William e à Lara, por serem minha Ohana. Ao Matheus, pelo *Musiglee'k*. Ester, Carol Melo, Júlia, Matheus Moreno, Júlio, Pedro, Shay, Gabriele, Ton, Sarah, Malu, Carol Mastrella, Diego e Bruna Borges, por serem a melhor família online. Obrigada por serem tão meus.

A todos que me ouviram reclamar, dramatizar e exagerar sobre tudo durante a graduação, peço desculpas e já digo meu imenso obrigada. A paciência de vocês foi de extraordinária ajuda.

RESUMO: A dinâmica entre fãs e meios de comunicação online é objeto de estudos e análises dentro da academia há tempos. Autores brasileiros e internacionais discutem a participação do fã, admirador de seja qual for o produto cultural, na conjuntura virtual. Porém, não só de intervenções e manifestações em prol do objeto de fanatismo se baseiam a reunião online dos fãs. Os *fandoms* cada vez mais se segmentam em grupos, sejam em rede sociais ou em aplicativos multifuncionais. Transformam-se, então, em conjuntos de pessoas que compartilham não só um gosto em comum, mas também princípios, valores e opiniões semelhantes e as querem dividir com quem as compreendam. Com os avanços tecnológicos, as distâncias foram eliminadas como problema e o contato entre tais pessoas é facilitado, fazendo de conexões superficiais mais próximas, modificando laços fracos para fortes. A relação entre os fãs e o produto cultural e entre eles mesmos revelam características dessa forma de agrupamento cada vez mais pessoal que começa a ascender nas práticas de compartilhamento em rede. Para exemplificar esses processos, os fãs da série de TV americana *Glee* foram estudados, por meio de etnografia virtual. O grupo do Facebook, *Glee Brasil*, e do aplicativo *WhatsApp*, *Musiglee'k*, ilustram as relações construídas tanto entre os fãs e o produto cultural quanto entre eles mesmos, dentro do ambiente online.

PALAVRAS-CHAVE: Fãs, Internet, Relações, *Glee*, Etnografia Virtual.

ABSTRACT: The dynamic between fans and online media is the subject of studies and analysis within the academy for some time. Brazilian and international authors discuss the participation of the fan, admirer of whatever cultural product in the virtual environment. However, not only the interventions and demonstrations in favor of the object of fanaticism are based on online meeting fans. The fandoms increasingly segmented into groups, like social networking or multifunction applications. They transform into sets of people who share not only share a taste, but also principles, values and similar opinions and want to share with those who understand. With technological advances, the distances were eliminated as a problem and the contact between such persons is facilitated by making closer connections, strengthening ties. The relationship between the fans and the culture products among themselves and thus reveal features of increasingly personal grouping that begins to ascend in the practice of sharing network. To illustrate these processes, fans of the American TV series *Glee* were studied through virtual ethnography. The Facebook group *Glee Brasil* and the WhatsApp group *Musiglee'k* illustrate the relationships built among both fans and the cultural product as between themselves within the online environment.

KEYWORDS: Fans, Internet, Relationships, *Glee*, Virtual Ethnography.

Índice

Introdução	9
Capítulo 1 – Apresentando o objeto e os métodos de análise	14
1.1 Sobre o Grupo Glee Brasil e o Musiglee'k – O grupo e o subgrupo de análise.....	14
1.2 Metodologia.....	19
1.2.1 Sobre as plataformas trabalhadas: o Facebook e o WhatsApp	22
1.2.2 Sobre a inserção nos grupos e a aproximação com os membros.....	25
1.2.3 Sobre autoetnografia virtual.....	28
1.3 Categorias de análise.....	32
1.3.1 Valores, significados e seu impacto nos fãs.....	33
1.3.2 Conexões construídas entre os membros	34
1.3.3 O recorte temporal: julho de 2014, um ano de falecimento de Cory Monteith.....	35
Capítulo 2 – Refletindo sobre os resultados obtidos	38
2.1 Glee Brasil.....	41
2.1.1 O que é importante no Glee Brasil?.....	43
2.1.2 Julho de 2014: o que representa o falecimento do ator Cory Monteith?.....	50
2.2 Musiglee'k.....	58
2.2.1 O que é importante no Musiglee'k?.....	59
2.2.2 Mais que fãs, amigos virtuais: as relações entre os membros dos grupos.....	62
Considerações Finais	69
Referências Bibliográficas	73

Introdução

O fã tornou-se uma nova figura importante da sociedade atual. Outrora mal visto, taxado como exagerado e até irracional quando se trata de seu objeto de adoração, é estudado e analisado com mais frequência atualmente, como parte de uma subcultura e de um novo movimento. Tal subcultura é chamada de *fandom*¹, concentrando os fãs, que por vezes já se organizam em torno do produto cultural que acompanham em prol do compartilhamento de informações e outros objetivos². Ser fã, apesar de ainda ser estereotipado, tanto pela mídia quanto pela própria academia, se revela cada vez mais presente e significativa na dinâmica cultural, principalmente quando inserido no ciberespaço. O fã, então, é a peça chave desta pesquisa.

De acordo com o dicionário Michaelis (2014), fã se restringe a duas atribuições: *s m+f (ingl fan, apócope de fanatic)* 1 pessoa entusiasta de um artista, seja de cinema, teatro, televisão, rádio etc. O que tem muita admiração por alguém: *Pedro é fã de Maria* (grifo original). Historicamente,

O primeiro registro do termo fã data do final do século XIX. (...) “Fã é, na verdade, a forma abreviada da palavra latina *fanaticus*, que em sua origem queria dizer ‘pertencente e servidor de um templo, devoto’ e que, sem escapar de conotações religiosas e políticas, passou a ser considerado um termo pejorativo que lembrava um entusiasmo excessivo ou loucura causada pela possessão de um demônio”. (Curi, 2005, p.16; Jenkins, 1992, p.12 *apud* MONTEIRO, 2011, p.24)

Analisando a presença do fã no contexto virtual é preciso compreendê-lo como componente desse meio e como membro da dinâmica contemporânea de troca de informações. Porém, os estudos dirigidos ao seu comportamento, impressões e reflexões deve levar em considerações diversos fatores, inclusive o que diz respeito às suas características de interação e participação online.

“Ao definir fã no contexto da cibercultura a partir dos pressupostos de interação característicos do ser hiper-midiático³, precisamos

¹ *Fandom* é um termo inglês, que em tradução literal se refere ao reino dos fãs: *fan* (fã) + *kingdom* (reino). O *fandom* caracteriza-se pelos laços criados entre os membros dessa cultura por compartilharem o mesmo interesse e sentimentos com relação a um produto cultural, seja de qual natureza for. O termo refere-se à transformação de produtos da cultura de massa em um produto exclusivo da subcultura dos fãs.

² Para esta proposta de pesquisa, o compartilhamento de informações é o que deve ser salientado. Portanto, as demais práticas não serão discutidas.

³ “Ser derivado das relações amplificadas do ciberespaço, que está constantemente construindo e quebrando conexões, declarando alianças e interesses e depois renunciando a eles. É composto tanto do *eu* que está fazendo a rede de conexões, quanto dos vários *eus* presentes no online, sejam todos eles correspondentes a uma referencial no mundo offline ou não” (NATAL e VIANA, 2007, p. 2).

considerar que nem sempre os estudos a respeito da cultura de fãs, principalmente grupos específicos deles, foram tratados com credibilidade” (NATAL e VIANA, 2007).

Sobre a participação do fã na sociedade, Monteiro (2007) destaca as capacidades do fã como componente moderno e sua importância midiática, fazendo do *fandom* uma comunidade com destaque, merecedora de estudos.

A figura do fã faz parte do imaginário da sociedade contemporânea. É difícil encontrar uma pessoa que não possua, mesmo que de forma bastante vaga, uma noção do que a palavra fã significa, bem como das práticas associadas a essa categoria de consumidores. Quando a definição “técnica” parece insuficiente, incontáveis exemplos do que o senso comum considera a representação ideal do fã podem ser invocados: disposto a fazer os maiores sacrifícios pelo ídolo, e quase sempre munido de um discurso afetivo extremo, o fã habitaria a extremidade mais visível de toda a cadeia de consumidores midiáticos. (MONTEIRO, 2007, p.11)

Os fãs operavam de forma marginal na nossa cultura, ridicularizados na mídia, estigmatizados socialmente, relegados ao *underground* por ameaças legais, e frequentemente classificados como limitados e não articulados (JENKINS, 2006). Tratando-se de séries televisivas, lidamos com outro fenômeno. Com base na observação de *fandoms* diversos, os fãs de seriados, junto dos de música, se manifestam com mais frequência e intensidade na rede, com volume de postagens e até conflitos entre comunidades de fãs em defesa de seu *fandom*, revelando o quão cativante um programa pode ser.

Para quem assiste às séries com frequência, a complexidade é, provavelmente, a qualidade central que os leva acompanhar cada desdobramento da trama, a se manterem fiéis e até preferirem ficar em casa vendo TV a ir ao cinema. Para quem começa a prestar atenção, a complexidade é o fator que fisga os olhos e atenção, que causa surpresa e que faz com que o mero interesse rapidamente se transforme em vício. (CARLOS, 2006, p. 34)

“De uns anos pra cá, as séries, de fato, adquiriram uma legitimidade surpreendente. Enquanto nos anos 1980 criticava-se a invasão das ficções americanas [...], eles hoje seriam criticados por quase não lhes reservar espaço” (JOST. 2011, p.23). Pode-se afirmar, então, que o formato seriados dos shows de TV conquistou espaço na vida do espectador, criando assim um público cativo de tal formato. Então, vale questionar “o que atualmente sustenta essa relação do telespectador com a ficção televisual? Por que as séries gozam de tal popularidade? Suscitam uma tal adesão? De onde vem a paixão pelas séries?” (JOST. 2011, p.24) As

temáticas, o ritmo, a interação com público podem ser alguns dos motivos para que a conexão com o público seja tão fiel e intensa. A relação dos fãs com este produto cultural mostra novas características dessa subcultura e a conexão entre os membros dos *fandoms* também vale investigação.

Ser fã de alguém ou de algum produto cultural faz com que novas visões a cerca de um assunto, por exemplo, sejam estabelecidas, compartilhadas e consolidadas. Com esse processo de construção de valores e de relações, inserido na cultura contemporânea midiaticizada, a pesquisa que aqui se apresenta traz a construção de laços entre a série americana de TV *Glee* e seus fãs, entre os próprios fãs e a consolidação de relações sociais online para discussão. Tem como o objetivo, então, refletir, pesquisar, entender e analisar os valores que conseguem estabelecer a partir deste produto cultural, e as relações que são construídas a partir do vínculo criado pela série.

Glee é uma série americana lançada em 2009. Em 2015 iniciará sua sexta e última temporada. Segundo o site do canal Fox⁴, onde é transmitida oficialmente, “GLEE é uma comédia musical sobre um grupo de jovens ambiciosos e talentosos que escapam de sua dura realidade do ensino médio em um coral onde encontram força, aceitação e, principalmente, suas vozes”. Lançada em 19 de maio de 2009, a série gira em torno de um clube da *William McKinley High School* voltado para competições de corais e são chamados de “*glee club*”⁵, daí o nome da série. As descrições de sites para downloads de séries definem *Glee* como uma série sobre “um grupo de desajustados ambiciosos tentam escapar das duras realidades do ensino médio por aderir a um clube de canto (coral), onde eles encontram força, aceitação e a sua voz, enquanto trabalham para perseguir seus próprios sonhos”.

Há no conjunto de personagens principais a líder de torcida popular, bonita que namora o capitão do time de futebol, o garoto mais popular do colégio, o seu melhor amigo, que também é popular mas é “valentão” da turma – estereótipos de estudantes populares comuns a produtos culturais que retratam esse trecho da vida escolar. Há os desajustados, que sofrem discriminação dos demais: a negra e gorda, o cadeirante, a gótica, a que não tem amigos, o homossexual – estereótipos de estudantes excluídos dos demais, também comuns a produtos culturais que relatam essa fase da vida estudantil. Porém, todos os padrões de

⁴ <http://www.foxplaybrasil.com.br/show/7350-glee>

⁵ *Glee club* é um clube que reúne estudantes, geralmente do que é equivalente ao Ensino Médio no Brasil, para competições de canto em conjunto (coral). São realizadas performances que envolvem não só o canto, mas também danças e afins. O termo “*glee*” em tradução livre quer dizer “alegria”, “satisfação”, o que é refletido dentro do grupo na série. Ou seja, cantar (se apresentar) é uma alegria conjunta, a concretização da felicidade em grupo.

comportamento e de vida são desconstruídos e revelados dentro do *glee club*, onde as histórias se desenrolam e são resolvidas em conjunto. Assim, dois pontos unem os jovens que participam do clube: a música e as dificuldades sociais modernas, como exclusão, homossexualidade, gravidez na juventude, dúvidas escolares, problemas de relacionamento e principalmente bullying de maneira geral.

Desde a sua estreia, a série tornou-se um fenômeno nos EUA e nos demais países onde foi disponibilizada, como o Brasil, por exemplo. A internet também favoreceu a propagação dos episódios, fazendo crescer ainda mais a quantidade fãs pelo mundo. Recebeu premiações importantes, como o Globo de Ouro de 2009 e 2010 de Melhor série de Televisão – Comédia ou Musical, *Emmy* para dois atores da série e para o diretor, Ryan Murphy, e avaliações favoráveis da crítica especializada, além de outros prêmios e indicações individuais. O sucesso da série também pode ser medido através dos pontos de audiência, alcançando a marca de 11,6 milhões de espectadores em média por episódio durante a segunda temporada (maior pontuação da série). Por mais que hoje a crítica e receptividade dos episódios não sejam tão boas quanto ao início do programa, ainda pode ser considerado um dos grandes sucessos americanos da indústria televisiva.

A temática social e musical é o que diferencia e destaca a série. A proposta de aproximar do cotidiano, realidade ou projeção de vida – principalmente dos jovens, mas encaixa-se em situações mais de um grupo social do que de uma faixa etária –, além de ser um movimento de conquista de público, também traz a necessidade de evidenciar problemas sociais, de identidade, conflitos internos, dificuldades escolares, familiares e até mesmo vergonha, autenticidade e inserção em um determinado nicho. O que é perceptível nos *gleeks*, como são chamados os fãs da série. Eles se mostram, em suas postagens na rede, defensores das causas exibidas no programa, revelando uma conexão diferente das dos demais fãs.

Outro fator para a escolha de *Glee* para estudo foi o falecimento de um dos atores principais da série, Cory Monteith, em julho de 2013. O acontecimento teve grande impacto no *fandom* da série e conseguiu expor a conexão dos fãs com o show, como o personagem e com o próprio ator, através de postagens na rede, nas comunidades online e até em movimentos offline, com homenagens e manifestações. Com o aniversário do falecimento, em julho de 2014, foi possível observar, novamente, as reações dos *gleeks* e analisar seu envolvimento com a série e com o que a circunda (como a vida pessoal de um membro do elenco, por exemplo).

Assim, a escolha deste show e destes fãs para análise se deu pela possibilidade de exploração e percepção de três aspectos: significados que emergem dentro de uma comunidade de fãs, valores acerca de um fato específico sobre a série (o falecimento de um dos atores principais), e os laços construídos entre os fãs a partir da série. Para conseguir analisar tais aspectos, foram selecionados dois grupos para inserção, observação e obtenção de informações: o *Glee Brasil*, na rede social Facebook, e o *Musiglee'k*⁶, no aplicativo *WhatsApp Messenger (WhatsApp)*⁷. O recorte temporal foi justamente o mês de julho de 2014, em virtude do aniversário de falecimento do ator Cory Monteith.

A pesquisa tem, então, como pontos fundamentais: os fãs como indivíduos sociais e como parte do produto que consome; as redes sociais e como elas interferem nas relações de seus usuários; o grupo *Glee Brasil* e as postagens constantes sobre a série; o subgrupo *Musiglee'k* e as relações construídas entre seus membros; o envolvimento entre os usuários da rede e a construção de significados; e os reflexos causados por tal relação.

Para concretizar a proposta de entender estes fãs, as dinâmicas internas dos grupos e os laços construídos entre os membros a prática etnográfica virtual foi adotada. Desta forma, a prática etnográfica virtual foi adotada. Inicialmente, a inserção foi de caráter pessoal. Porém, com a possibilidade da pesquisa, a escolha dos grupos para análise fez com que adotasse a etnografia virtual para compreender os valores e as relações existentes em ambos os grupos, como amostra do comportamento do fã da série. Foram 11 meses de convivência online no *Glee Brasil* e 7 meses no *Musiglee'k*, resultando nas análises e nas considerações feitas a partir do estudo.

É importante, também, ressaltar quais autores sustentam as discussões que virão nas próximas páginas. Sobre a construção dos grupos há o olhar de Alex Primo, Raquel Recuero e Albert-László Barabási, analisando o caráter estrutural da formação destes grupos/redes e as suas características internas de organização e manutenção. Para compreender as conexões entre os membros tanto do *Glee Brasil* quanto do *Musiglee'k*, principalmente, trazemos as análises de Recuero, sobre os nós, laços e as relações com capital social; as discussões de Primo, sobre as relações de cooperação e competição entre os integrantes de uma mesma comunidade além do aspecto do contato entre pessoas afastadas pela distância geográfica mas

⁶ Pronuncia-se “musiglique”.

⁷ De acordo com o site original (<http://www.whatsapp.com>), é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular, através dos números dos telefones, sem pagar por SMS (mensagem de texto convencional). Além das mensagens básicas, os usuários do *WhatsApp* podem criar grupos, enviar mensagens ilimitadas com imagens, vídeos e áudio.

unidas pela comunicação mediada por computador; as reflexões de Henry Jenkins sob o aspecto do fã como consumidor de produtos culturais, ressaltando seu importante papel da sociedade contemporânea e seu poder de absorção de informações e de influência no produto cultural em questão e a própria relação do fã com seu objeto de admiração e consumo. Há ainda as análises de Tiago Monteiro e Bruno Campanella que também revelam aspectos das influências da mídia e seu reflexo no comportamento e formação de conceitos. Há também apontamentos sobre cibercultura e suas implicações, com base em Manuel Castells e sobre a relação da vida privada e da pública, das celebridades pertencentes à sociedade contemporânea e seu papel social, de Lígia Lana.

A pesquisa está dividida em três capítulos: (1) apresentação dos objetos de pesquisa (*Glee Brasil* e *Musiglee'k*), da metodologia aplicada e das categorias de análise, que traz os detalhes sobre os grupos estudados, sobre as formas metodológicas escolhidas e como foram feitas, além da seleção do que foi analisado na pesquisa e por quê; (2) a construção das análises, trazendo as categorias de análise em cada grupo e seus exemplos; e, para concluir, há as considerações finais das análises e de todo o processo da pesquisa.

Capítulo 1 – Apresentando o objeto e os métodos de análise

“O ciberespaço é efervescente em relações e em sociabilidade e precisa ser considerado, ainda mais se for levado em conta a quantidade de pessoas conectadas. Estes sujeitos, sobretudo adolescentes e jovens, fazem do ciberespaço em espaço de relacionamento por excelência” (PIENIZ, 2009, p. 10). Com web como cenário de pesquisa e troca de informações, as especificidades de estudos devem ser ressaltadas. Como afirma Pieniz (2009), o meio online permite relações que seriam mais difíceis se feitas em condições offline. Ou seja, a internet abre novas possibilidades de compartilhamentos de conteúdos, abrindo, também, alternativas de estudo.

Assim, neste capítulo apresentarei os grupos escolhidos para análise, suas características para tal seleção, a maneira como me inseri nas suas dinâmicas internas de funcionamento, como trabalhei as informações obtidas e porque optei por elas. Ainda destacarei características importantes das plataformas escolhidas para o trabalho e revelarei a minha participação efetiva nos grupos, não só como pesquisadora. O propósito aqui é mostrar que cada escolha foi importante para que os resultados obtidos fossem alcançados e todo o seu processo. Assim, merecem a descrição e o suporte teórico percorridos nas próximas páginas.

1.1 Sobre o Grupo *Glee Brasil* e o *Musiglee'k* – O grupo e o subgrupo de análise

“A web representa um espaço de experimentação e inovação, onde os amadores testam o terreno, desenvolvem novas práticas, temas, e geram material que pode vir a atrair seguidores nos seus próprios termos” (JENKINS, 2006, p.148). A web é um espaço também de conexão, reunião e construção de conceitos, relações, significados e valores. Para compreender como estas relações são construídas e como são atribuídos significados e valores, bem como funcionam as dinâmicas de rede, é preciso conhecer as agrupações na rede desde sua criação até sua dinâmica interna.

De acordo com Recuero (2008), a comunidade é um grupo de pessoas que interage. Partindo desta definição ampla, já se pode considerar a reunião dos membros em torno de um produto comum como comunidade virtual⁸. Ainda concordando com a autora, a interação que ali acontece configura ainda uma estrutura específica de funcionamento, com conexões,

⁸ Segundo Recuero (2001), existem muitas críticas à ideia de comunidades virtuais. Alguns autores explicam seu posicionamento dizendo que as comunidades virtuais não são nada mais do que comunidades tradicionais mantidas através da Comunicação Mediada por Computador. A comunidade virtual é um elemento do ciberespaço, mas é existente apenas enquanto as pessoas realizarem trocas e estabelecerem laços sociais.

conflitos e construções de significados.

A conversação dentro das comunidades virtuais também é um aspecto que merece atenção. Segundo Primo (2005), tal interação chama atenção para todo o trabalho de coordenação e cooperação que ocorre durante a convivência online e que muitos dilemas surgem a partir dela. Assim, o conteúdo necessário para estudo emerge justamente do compartilhamento de informações dentro das comunidades e não somente da sua agrupação em torno de um produto cultural em comum.

Outro aspecto válido de explicação é o valor das dinâmicas internas para a coleta de informações e para a análise. Mesmo que tais dinâmicas não sejam específicas das comunidades virtuais, sendo comum também há outras várias redes sociais (RECUERO, 2008), é importante explicar porque será um termo muito utilizado ao longo trabalho. Recuero (2008) trabalha esta característica e diz que a dinâmica da comunidade geralmente é adaptativa, auto-organizada e cooperativa e que a agregação de novos membros é esperada, pois trata-se de um elemento fundamental para o crescimento e manutenção da rede. Compreender a dinâmica interna é essencial para a análise, para a própria prática metodológica e para a entender os resultados obtidos.

Destacados estas características, que definem grupos estudados (*Glee Brasil* e *Musiglee'k*) como comunidades virtuais – em plataformas diferentes: Facebook e *WhatsApp* – e com dinâmicas específicas, prossigamos para a sua apresentação de fato.

O grupo *Glee Brasil* foi criado em 27 de janeiro de 2012. Foi escolhido para este estudo por ser considerado pelos próprios usuários da rede como “melhor grupo sobre *Glee* no Facebook” (título conquistado por meio de votações na própria rede social, promovidas por páginas sobre a série) e por ter uma quantidade consideravelmente superior de membros quando comparado a outros do mesmo gênero e com proposta semelhante (os demais grupos cogitados para a pesquisa possuíam cerca de 2 mil membros, enquanto o *Glee Brasil* já alcança uma marca mais de 10 vezes maior⁹). Ele se propõe a discutir, comentar e compartilhar todo e qualquer assunto que esteja relacionado à série. Desde os personagens, vida privada dos artistas, acontecimentos nos episódios e performances, até assuntos relacionados à temática central do programa estão presentes nas postagens e discussões principais. De acordo com um dos fundadores do grupo, Wesley¹⁰, ele “começou, na verdade,

⁹ Até novembro de 2014.

¹⁰ Wesley é o nome real de um dos criadores da página e será o único revelado desta forma ao longo do trabalho. Os nomes reais dos participantes da pesquisa não são relevantes para sua construção e, para evitar constrangimentos ou problemas desta natureza, serão mantidos em sigilo.

por uma ideia de uma amiga e, como ela sabia que eu era o único louco e alucinado pela série, me chamou para ser administrador do grupo junto dela”. Ou seja, surgiu, literalmente, pelo envolvimento intenso entre um grupo de fãs que já se conheciam por conta da série e seu produto de admiração.

O *Glee Brasil* tem atualmente¹¹ cerca de 24,8 mil membros e tem postagens constantes dos mais diversos tipos e assuntos, sempre voltadas para a temática central da série e seus aspectos adjacentes. O grupo é fechado, ou seja, somente quem é membro pode ver, comentar e curtir as postagens feitas, além da entrada no mesmo ter que ser aprovada por um dos administradores. A descrição introdutória do *Glee Brasil* traz a mensagem “Bem-vindos à nossa família *Gleek*, esperamos que curtam o grupo. :)”. Nota-se que a cordialidade é a mediadora das relações, e o sentimento de pertencimento e acolhimento é parte importante da estrutura geral.

O grupo é organizado em regras e em postagens específicas para certas discussões, subdivididos em tópicos dentro do seu “menu” fixo (figura 1). Há um espaço para as normas (tópico “Regras”), para as apresentações (“Apresente-se”), para as divulgações de páginas (“Divulgação”) e perfis pessoais (“Redes Sociais”), e para o contato direto com os moderadores (“Fale com a Moderação”). Vale destacar os tópicos “Regras” e “Apresente-se”. Estes espaços mostram, respectivamente, a organização e o contato inicial de alguns membros do grupo, aspectos importantes para a análise proposta por esta pesquisa.



FIGURA 1: Menu do grupo *Glee Brasil*.

¹¹ Até novembro de 2014.

Primo (2008) destaca que as comunidades podem criar e publicar suas regras internas de convivência e que estas são importantes em uma relação mediada por computador. Tendo já o distanciamento físico como uma limitação para uma contínua interação não conflituosa, a importância de manter certos limites e controles se dá na continuidade prolongada do grupo e no aumento constante de membros, daí a criação e necessidade do tópico “Regras”. Ao mesmo tempo, é mais fácil para os administradores monitorarem o comportamento dos participantes da comunidade, uma vez que as conversas ficam arquivadas nas postagens, além dos administradores terem a possibilidade de exclusão do membro indesejável. É perceptível o princípio no respeito e aceitação do outro no qual é sustentado o quadro de regras, como não ofender outros membros, evitar postagens polêmicas, que possam ser muito destoantes do pensamento comum do grupo (geralmente que vá contra o tema principal da comunidade, no caso, sobre *Glee* e suas variantes). Tal percepção é possível pelas manifestações dos próprios membros nas postagens, com comentários reprimindo as ações dos integrantes que vão contra a cordialidade primordial para o funcionamento pleno do grupo.

No tópico “Apresente-se”, os administradores convidam os novos membros a se apresentarem, como uma descrição básica, como idade, de onde é e o que mais gosta, espera, ou admira na série. Uns mais entusiasmados do que outros, os próprios integrantes criam conexões a partir de características em comum encontradas nos comentários. Tal apresentação não é obrigatória, mesmo assim há um volume grande de comentários, em sua maioria com textos longos e bastante pessoais, como descobertas sexuais, histórias de superação, identificação com situações, personagens e músicas. Estes comentários são descritivos, com linguagem coloquial própria da internet – *emoticons*, abreviações e expressões próprias da série – e informações que servem como ponto de partida para conexões entre os membros, como local onde vive, idade, gosto musical, o que assiste ou lê, dentre outras.

Os demais tópicos do menu também são importantes para a organização de informações do grupo. O “Fale Conosco” é um meio de contato direto com os administradores, o “Divulgação” é um espaço para postagem de links de páginas e Tumblrs pertencentes aos membros do grupo, por exemplo, e o “Redes Sociais” é para o compartilhamento de perfis em outras redes, como o microblog Twitter e a rede de compartilhamento de fotos Instagram.

O *Glee Brasil*, por possuir muitos membros¹², torna complicada a obtenção de

¹² A quantidade de usuários sobe todos os dias. No início da pesquisa, em meados de agosto, a contagem chegava a cerca de 24 mil membros. Em novembro já passava dos 24,8 mil, e assim continua crescendo.

informações individuais de seus usuários. Desenvolver diálogos, discussões e análises com tal quantidade elevada de perfis é improvável e pouco prático, talvez até pouco útil, para atender aos propósitos da pesquisa. Dentro do grupo surgem, a partir de iniciativas singulares, ou seja, da vontade de um membro, subgrupos para a plataforma do *WhatsApp*. Tais membros realizam postagens mostrando o interesse em criar uma rede no aplicativo, pedindo para quem queira participar deixe seu número de celular (para que seja adicionado ao grupo no aplicativo). Feito isso, quase que instantaneamente, comentários com números e pedidos como “por favor, me adicione” aparecem em alta quantidade, lotando subgrupos rapidamente (a capacidade máxima de integrantes de um grupo no *WhatsApp* é de 50 números). Para me inserir em um deles, usei minha aproximação pessoal com membros do *Glee Brasil*. Porém, da mesma forma como surgem de maneira rápida, também podem acabar. Este primeiro subgrupo durou cerca de 2 meses, e nele fiz outras conexões, por meio de diálogos e convivência online constante, que me levaram ao *Musiglee'k*. Minha entrada, de fato, aconteceu em abril de 2014, não foi da maneira convencional¹³ e é um diferencial que merece ser lembrado. A corrente “um amigo de um amigo meu que me contou” se aplica a esta situação. Uma das conexões que fiz me contou em conversas paralelas que participava deste outro grupo, explicou como funcionava a dinâmica interna e que eu poderia entrar também. Além das discussões e contato com outros fãs da série, também acontecem duelos musicais, brincadeiras em grupo, dentre outras interações do tipo¹⁴. Mas o que me chamou a atenção foi como ela relatava o contato próximo que tinha com alguns membros e como se dedicava ao grupo e às suas interações. Pelo intermédio de tal conexão entrei em contato com o administrador do *Musiglee'k* e fui adicionada ao grupo.

Um aspecto diferente e fundamental é como os membros do *Musiglee'k* são identificados. Para criar uma interação ainda mais próxima com a série, o fã administrador

¹³ A forma convencional seria deixar nos comentários de uma postagem no *Glee Brasil* o número do celular para que fosse adicionado ao *WhatsApp* do seu administrador – o Sebastian. Cada grupo do *WhatsApp* tem capacidade para 50 pessoas, e estes podem ser excluídos (ou o usuário pode sair) a qualquer momento. Assim, a rotatividade pode ser alta – coisa que não acontece com frequência no *Musiglee'k*. Por ter a dinâmica dos nomes das personagens da série, alguns membros se consolidam com tal, além de limitar a quantidade de pessoas no grupo. Quando alguém sair ou é removido a vaga daquele personagem é aberta para outros interessados. As características dos membros e dos personagens não são necessariamente parecidas e nem se relacionam, na maioria das vezes, com a predileção por ele.

¹⁴ Os duelos musicais acontecem quando um dos membros, geralmente o administrador, escolhe dois artistas ou bandas famosos para “duelarem”. Cada integrante escolhe um time, grava (canta) uma música dele, envia para o membro que está organizando o duelo, ele manda um áudio de cada equipe e escolhe quem cantou melhor. Também acontecem anagramas, caça-palavras e desafios sobre *Glee*. Todas estas competições geram pontuações e prêmios simbólicos, como por exemplo livros, enviados por correio pelos próprios membros. Tudo isso faz com que o funcionamento do grupo não estagne e a interação entre os membros não pare.

deste grupo atribuiu a cada novo integrante um personagem da série¹⁵. É importante destacar este detalhe pois será desta forma que identificarei cada um dos membros ao longo do trabalho, uma vez que são na maioria menores de idade e com histórias pessoais que merecem ter a identidade real preservada. O criador do grupo é chamado de Sebastian, tem 18 anos e mora em Perobal, PR¹⁶. Os demais membros estão espalhados pelo Brasil, desde Mossoró, RN, até Garibaldi, RS.

O contato que indicou minha entrada é chamada de Tina, tem 24 anos, mora em São Paulo e faz parte do grupo desde a segunda semana de sua criação. Há pessoas que estão presente desde o início e que são de grande relevância para o estudo, bem como os mais novos, que também desempenham papéis importantes na análise. Nessas idas e vindas, há cerca de 25 membros constantes no grupo, dos quais 15 foram escolhidos, por critérios de participação, interação e disponibilidade para entrevistas.

1.2 Metodologia

O processo de chegada aos grupos, de aproximação com os integrantes e análise de seu comportamento é a base dos resultados conquistados. Para obtê-los foi necessária a imersão na cultura dos grupos, adaptação ao seu funcionamento e regras sociais preestabelecidas. Ou seja, para compreender as relações construídas nos grupos acompanhar o desenvolvimento das comunidades, realmente fazer parte da sua dinâmica e realizar uma aproximação com os membros foi fundamental. Uma vez que o ambiente de estudo é a web, a forma de analisar e de se conectar com todas as etapas do processo de pesquisa é transformada.

Por mais natural que possa ser se adequar a um novo grupo (quando a proposta é pessoal, principalmente), a proposta de compreender as relações criadas entre os membros e com a série fez das necessidades de imersão um fator crucial para o sucesso da pesquisa. Tal prática é definida e sustentada pela literatura como etnografia, quando no meio offline, e etnografia virtual¹⁷, para o online. Para que o processo de inserção e aproximação seja

¹⁵ O personagem atribuído a cada membro não tem relação com características do integrante e eles não tem que se comportar de acordo com a série. Chamar uns aos outros pelos nomes dos personagens é só uma forma criativa e interessante que eles encontraram de se tratar nas conversas e dinâmicas.

¹⁶ As idades e os locais onde moram são reais e de grande importância para esta pesquisa. A internet e a Comunicação Mediada por Computador trazem este diferencial para as relações nos grupos online: as faixas etárias são diversas e a localização geográfica não é um empecilho para sua interação (o que poderia ser considerando uma relação offline)

¹⁷ A literatura discute a terminologia “etnografia virtual” para determinara as práticas etnográficas na internet

compreendido no meio virtual é necessário, primeiro, entender como a prática acontece em redes reais (offline) e como aconteceu sua adaptação para as redes virtuais (online).

Etnografia “é um método de investigação oriundo da antropologia que reúne técnicas que munem o pesquisador para o trabalho de observação a partir da inserção em comunidades para pesquisa, onde o pesquisador entra em contato intra-subjetivo com o objeto de estudo” (AMARAL, NATAL e VIANA, 2009, p. 2). Esta prática consiste, então, na imersão do pesquisador no grupo de análise, se adequando ao comportamento dos demais integrantes e à dinâmica interna, afim de pertencer àquela cultura específica. Segundo Amaral, Natal e Viana (2009),

a etnografia em sua forma básica consiste em que o pesquisador submerja no mundo que estuda por um tempo determinado e leve em consideração as relações que se formam entre quem participa dos processos sociais deste recorte de mundo, com objetivo de dar sentido às pessoas, quer esse sentido seja por suposição ou pela maneira implícita em que as próprias pessoas dão sentido às suas vidas. (HINE *apud* AMARAL, NATAL e VIANA, 2009, p. 2)

Adotar a internet como ambiente de pesquisa amplia as possibilidades do pesquisador pois dá a ele abertura geográfica de estudo. Ou seja, a limitação espacial não atinge o etnógrafo que se propõe a trabalhar virtualmente. Ainda de acordo com Amaral, Natal e Viana (2009), o uso dessa metodologia antes de contato offline e agora transposta para o online para o estudo de práticas comunicacionais é validada no campo da comunicação pelo fato de que muitos objetos de estudo localizam-se atualmente no ciberespaço e necessitam de instrumental apropriado para sua análise. Assim a inserção nas comunidades online adotando as práticas etnográficas adaptadas ao virtual é a melhor forma para a compreensão das relações propostas, uma vez que é “um dos métodos qualitativos que amplia o leque epistemológico dos estudos em comunicação e cibercultura” (AMARAL, NATAL e VIANA, 2009, p.2).

Com relação às práticas metodológicas próprias da etnografia, no meio online a inserção somente se altera para a dinâmica digital. O processo de imersão do pesquisador permanece, porém a forma como o pesquisador se manterá incluso naquela cultura, como irá se comportar com relação aos demais membros e como obterá as informações se adaptarão ao

como “netnografia” também. De acordo com Amaral, Natal e Viana (2009), “o termo netnografia tem sido mais amplamente utilizado pelos pesquisadores da área do marketing e da administração enquanto o termo etnografia virtual é mais utilizado pelos pesquisadores da área da antropologia e das ciências sociais” (p.2). Desta forma, seguirei a linha de pensamento das autoras, adotando a terminologia etnografia virtual.

meio. De acordo com Noveli (2010),

A etnografia virtual não é um avanço de um novo método para substituir um antigo, e sim, é apresentada como uma forma de trazer em foco tanto os pressupostos nos quais a etnografia é baseada, e as características que são consideradas especiais no que diz respeito às tecnologias envolvidas. (NOVELI, 2010, p.113)

Ter a web como meio de comunicação em rede estudado altera a forma de analisar e de se conectar com as todas as etapas do processo de pesquisa. Fragoso, Recuero e Amaral (2012) evidenciam as características da internet como cultura e como artefato cultural. Recorrendo à pesquisa de Valdetaro (2010), as autoras afirmam que estudar a internet e suas características de interação ainda parece repetir a dualidade entre online e offline e tem a autonomia de um objeto que já se encontra “naturalizado na vida cotidiana”, se considerarmos que estar constantemente online ou ter participação neste meio em algum momento já faz parte do dia a dia contemporâneo.

No caso da pesquisa sobre internet, a própria definição temática carrega o peso de uma falácia que é preciso ter em mente todo o tempo: ao especificar a internet como universo de observação implicitamente damos abrigo à ideia de uma ruptura entre o que está ou acontece “dentro” da rede e o mundo “fora” dela. (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2012, p. 54)

De acordo com Amaral, Natal e Viana (2009), a partir da inserção do pesquisador na comunicação mediada por computador para a observação e investigação de práticas culturais e de comunicação, o campo físico (de contato offline) é complementado por um território novo, considerado uma continuação da vida fora do meio online dos usuários das redes sociais, fazendo delas um meio de comunicação, um ambiente de relacionamento e um artefato cultural. Assim, a amplitude de relações construídas nesta perspectiva revelam uma dificuldade quando se trata de estudos virtuais. E isto pode ser apontado como dificuldade no trabalho etnográfico virtual: selecionar o foco de estudo. Se considerarmos a imensidade da web, com sua liberdade em extensão, localização e mobilidade, fazer um recorte é necessário e fundamental para que a pesquisa consiga atingir seus objetivos.

A internet é um universo de investigação particularmente difícil de recortar, em função de sua escala (seus componentes contam-se aos milhões e bilhões), heterogeneidade (grande variação entre as unidades e entre os contextos) e dinamismo (todos os elementos são permanentemente passíveis de alteração e a configuração do conjunto se modifica a cada momento. (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2012, p. 55)

Apesar da dificuldade de seleção, destacada pelas autoras, a definição do grupo, do subgrupo, dos fatores a serem analisados e do marco temporal foram feitos à medida que a permanência nos grupos se estendia e a observação do comportamento online dos membros revelava o que seria de interesse para esta pesquisa.

A etnografia virtual apresenta outra dificuldade, como apontam Amaral, Natal e Viana (2010), que é a ausência da relação física com os demais membros dos grupos. Segundo as autoras, a perda dos aspectos gestuais que o contato face a face proporciona pode apresentar um problema de compreensão nos significados das conversas mediadas pelo computador, pois nem sempre é possível perceber os verdadeiros significados dos *emoticons* e dos textos escritos. Porém, é possível, com o passar do tempo e com a inserção efetiva nas dinâmicas grupais, compreender as intenções nas conversas, o que minimiza esta dificuldade de compreensão do processo comunicacional.

Para registro das informações, optei por fazer capturas de imagens das postagens dentro do *Glee Brasil* que obtinham mais de 25 curtidas (número que chamava atenção em vista de outras postagens, que chegavam somente a 10 ou 20 curtidas e poucos comentários) e que tinham assuntos relevantes para a presente discussão, como valores levantados pela série, relação dos fãs com o produto cultural (identificação com personagens, postagens de cenas do programa e de links das performances apresentadas, discussões sobre o destino da série e aparições de *Glee* na mídia, por exemplo) e com o falecimento do ator Cory Monteith, e todos os significados revelados pela lembrança deste acontecimento. Todos os registros e o processo de observação e participação considerados para este trabalho estão delimitados ao recorte temporal do mês de Julho de 2014, escolhido por coincidir com o aniversário de morte do ator já citado. No *Musiglee'k*, também aconteceram registros por meio de *capturas de imagem*. Porém, houve, também a obtenção de informações por meio de entrevistas e registros informais pessoais a cerca do desenvolvimento das conversas, realizados via documento online no *Google Drive*. Os momentos mais relevantes e imprescindíveis para a compreensão da pesquisa de ambos os grupos registrados em imagens serão mostrados ao longo do trabalho, com sua devida descrição e análise.

1.2.1 Sobre as plataformas trabalhadas: o Facebook e o *WhatsApp*

Explorar novas plataformas também é uma característica própria do estudo do virtual. E “pensar em procedimentos metodológicos para o ambiente virtual se faz fundamental na

medida em que se evidenciam novas formas de interações sociais pela internet” (PIENIZ, 2009, p. 3). Uma vez que além do Facebook, que pode ser considerado uma nova plataforma de interação (e pesquisa), ainda há a presença do *WhatsApp*, é necessária a aplicação de novas formas de conexão e análise dos grupos. Ou seja, o pesquisador deve se adaptar às novas condições impostas de contato entre ele e o objeto.

O Facebook, rede social que deu origem a esta pesquisa, tornou-se uma ferramenta de comunicação dominante na sociedade online. Com mais de 1,35 bilhões de usuários atuantes¹⁸, é o principal meio virtual de compartilhamento de conteúdo. A participação individual de cada membro, a construção de seu perfil, a criação de vínculos (com outros perfis e com conteúdos disponíveis na rede) e sua manutenção revelam o caráter agregador da rede. Recuero (2010) explica que o Facebook “tem um importante caráter de performance, onde cada perfil é construído como um discurso identitário que representa um indivíduo” (p. 9). Segundo a autora, cada membro consegue estabelecer conexões entre si, compartilhando conteúdo e criando laços. Com essa premissa, de que os integrantes se conectam não só por pertencerem a um mesmo espaço virtual mas também pela exposição de informações, o caminho até os objetos de estudo seguiram o fluxo de participar do Facebook, entrar para o grupo *Glee Brasil*. Esse processo exigiu utilizar das próprias ferramentas da rede social para segmentar e selecionar o que seria analisado.

A opção “curtir” em cada postagem e seu volume guiaram a escolha de valores e significados importantes para aquele grupo de usuários. Considerando que aquelas obtinham maior quantidade de curtidas eram as mais populares e mais aceitas pelos demais membros, a atenção de análise foi dedicada a elas. Nesta dinâmica de observação e participação, pode-se notar o que é importante para aquele grupo quando se trata da série ou do que acontece ao seu redor.

Dentro da dinâmica geral do *Glee Brasil*, há o surgimento de subgrupos no aplicativo *WhatsApp*. Estes aparecem com grande frequência, quase que cotidianamente. Em uma contagem superficial, no mês de julho foram feitas 13 postagens oferecendo vagas em grupos, considerando somente aqueles que receberam mais de 20 comentários com números para serem adicionados. E mesmo sendo alta a quantidade de subgrupos, não é menor a procura por inserção nos mesmos. Ou seja, mesmo que haja inúmeros grupos a disputa para estar neles permanece grande.

¹⁸ Dados do Facebook, em fevereiro de 2014.

Sobre o *WhatsApp*, apesar de ser mais uma forma de comunicação entre as pessoas, sendo um aplicativo disponível no celular/smartphone que simula uma troca de SMS (mensagens de texto comuns de celular), possui suas vantagens e desvantagens. “O *WhatsApp* não cria algo novo, mas se apoia no que já existe. É uma extensão das relações sociais dos jovens e é usado mais para compartilhar o cotidiano dos usuários do que informações midiáticas” (DOS REIS, 2013, p. 54). Porém é importante levar em consideração os hábitos, costumes e a cultura ali desenvolvidos. De acordo com a observação dos grupos, os fatores comuns preexistentes entre os integrantes são dois: a série e a vontade de conhecer novas pessoas. A partir da entrada no grupo, novos costumes vão surgindo, como formas de tratar os demais membros, como lidar com as brincadeiras internas e as próprias conexões entre eles. Assim, uma nova cultura surge e se estabelece, implicando tais hábitos aos integrantes.

A interação entre os membros, quando inseridos no Facebook e no aplicativo é diferente. O *WhatsApp* oferece outras formas de troca de informações e construção de conexões. Sem a possibilidade de curtir o que outra pessoa fala, os membros são colocados em situações de diálogos constantes, o que cria laços entre eles. As formas de se relacionar com outros membros do grupo é ampla. Pode-se enviar fotografias, gravar áudios instantâneos e ainda desenvolver conversas por textos, como é comum nos SMSs (mensagens textuais de celular). O diferente é poder compartilhar essas possibilidades de troca de informação em grupo.

Negativamente, o fato de alguém apenas ignorar sua conversa é comum. Obter respostas é uma vitória. Porém, tal dificuldade não foi enfrentada no *Musiglee'k*, as informações foram conquistadas de maneira simples, conflitando somente com a disponibilidade temporal de cada um responder e não pela falta de vontade em participar da pesquisa. Mesmo com as disparidades temporais, o grupo é ativo. Durante os meses de inserção, a média de mensagens acumuladas era de 1200. Em momentos de mais movimentação, ultrapassavam de 2000. Ou seja, a convivência online é intensa e constante.

Vale lembrar que o *Musiglee'k* também existe no Facebook, mas a proximidade com o dia a dia de cada integrante é maior através do *WhatsApp*, além de ser um meio mais prático de compartilhar rapidamente e somente com aquelas pessoas imagens, áudios e conversas rápidas. Como relata Campanella (2010),

As novas plataformas midiáticas expandiram significativamente as possibilidades de consumo de conteúdo. Como consequência, os estudos etnográficos das mídias enfrentam agora o desafio de ultrapassar as fronteiras do ambiente doméstico para chegar aos novos

lugares onde estes textos estão sendo significados e discutidos. [...] Em teoria, seria necessário o desenvolvimento de uma etnografia mais complexa e “multilocalizada” para que seja possível responder às perguntas apresentadas pela autora acerca do modo de consumo cultural da audiência. (CAMPANELLA, 2010, p. 37)

Ou seja, estar em uma plataforma nova, como é o *WhatsApp*, também influencia na forma como a interação acontece. Acredito que seja possível afirmar que esta forma é mais próxima e íntima dos integrantes do grupo do que o próprio perfil do Facebook, uma vez que está diretamente ligado ao número do celular de cada um (o que pode ser considerado pessoal com base em um senso comum de que seu número é algo importante e deve pertencer somente a seletos contatos). E é possível ainda dizer que tal proximidade é um aspecto positivo para a pesquisa, pois a obtenção de informações relevantes para a análise torna-se mais prática e fácil.

Dentro dos grupos, tanto do Facebook quanto do *WhatsApp*, por mais que alguns aspectos se destaquem, como o fato de uma postagem obter 200 curtidas e outra 4, ou que um usuário esteja mais presente no grupo, por exemplo, também é válido observar o que acontece além dos desdobramentos principais do grupo, afim de compreender o que leva a estes comportamentos dos membros. Determinados acontecimentos chamam a atenção pela repercussão e pela importância que a própria comunidade atribui. Porém deve-se contar com a possibilidade de emergência de novos fatores de análise, mesmo que os principais já estejam definidos (valores, significados e conexões entre os membros), uma vez que se pode considerar o ciberespaço como um

Ambiente de inteligência e memória coletivas, como mídia passível apropriações culturais de cidadãos comuns, como meio de produção, recepção ou circulação de discursos, como cenário de visibilidade diante de um contexto de mídiatização. E ainda [...] como espaço de reafirmações ou reconfigurações identitárias, como palco de expressão da diversidade, como ícone da globalização, como território virtual que desterritorializa e reterritorializa culturas locais, como espaço de ciberativismo e difusão de ideias de minorias. Enfim, como novo espaço de sociabilidade humana. (PIENIZ, 2009, p. 3)

Apesar da multiplicidade de fatores inerentes às interações no ciberespaço aparentarem ser uma dificuldade para a pesquisa, acredito que seja um fator agregador dada as necessidades desta pesquisa em compreender as relações já citadas. Assim, “mais do que dificuldades, no entanto, a digitalização das mídias apresenta oportunidades para o pesquisador da área” (CAMPANELLA, 2010, p. 37) e além de o objeto internet não ser único,

mas sim multifacetado e passível de apropriações (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2012, p. 42). Apresenta, também, uma possibilidade de experimentar novas formas de relação com um objeto de pesquisa virtual.

1.2.2 Sobre a inserção nos grupos e a aproximação com os membros

Uma das maneiras de analisar e compreender as relações construídas em um grupo online é se envolvendo com os integrantes, com uma aproximação pessoal, como parte do processo da etnografia virtual. Fazer parte do dia a dia de discussões, conversas, brincadeiras é fundamental neste grupo para compreender como as relações, seja com a série, com os demais membros ou com os valores desenvolvidos.

As necessidades de obtenção de informações a respeito de um gosto recreativo e de novas conexões através da web são também as que se destacam entre os membros de grupos no Facebook, sejam eles pequenos ou numerosos. Como lembra Campanella (2010), as redes aproximam usuários que geograficamente estão distantes, que discorrem sobre assuntos eminentes na mesma rede e que sejam de princípios comum.

“O que deve ser salientado, porém, é a nova possibilidade de uma interação onde as perspectivas do usuário a respeito de determinado assunto podem ser instantaneamente compartilhadas com outras pessoas, independentemente de suas localizações físicas” (CAMPANELLA, 2010, p. 38).

Para permanecer como membro e acompanhar a dinâmica do *Glee Brasil* é bem simples: basta respeitar as regras¹⁹ dispostas em um tópico especial e fixo, e participar de fato do grupo, com postagens e comentários pertinentes (que não sejam ofensivos), por exemplo. No *Musiglee'k* a entrada é aleatória, de acordo com os números deixados nos comentários em uma postagem no *Glee Brasil*, ou por indicação de algum membro antigo, e a permanência depende da adaptação aos costumes do grupo (quanto às brincadeiras e aos demais integrantes) e a participação cotidiana (se não houver participação de determinado membro em um intervalo de três dias, ele é excluído pelo administrador).

A entrada nos grupos concretiza, então, o início da prática etnográfica virtual. De

¹⁹ Estas regras se valem dos princípios de respeito, colaboração e compreensão entre os membros. Além disso, a pertinência do tema também é importante, por mais que sejam aceitas algumas ressalvas de postagens. O cumprimento deste “estatuto” interno e verificado não só pelos administradores mas também pelos próprios integrantes. Sendo eles mais de 24mil pessoas, a manutenção do funcionamento adequado das regras, das postagens e das próprias discussões sobre as diversas formas de conteúdo que ali aparecerem, pelos próprios fãs reunidos mostra a importância daquele espaço virtual para eles. Os que desrespeitam qualquer que seja a regra são excluídos do grupo, afim de manter a cordialidade e organização internas.

acordo com Gebera (2008, p.2), citada por Fragoso, Recuero e Amaral (2012),

[a etnografia virtual] enriquece as vertentes do enfoque de inovação e melhoramento social que promovem os métodos ativos e participativos dentro do espectro do qualitativo (metodologia e prática social), integrando-se ao que a Internet tem provocado em nosso cotidiano, transformações importantes nas maneiras como vivemos. (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2012, p.174)

Da mesma forma que um etnógrafo se integra ao grupo no qual se insere, a prática virtual exige do pesquisador a aproximação para com os membros e adequação àquela cultura. Sendo eu já acostumada com os assuntos debatidos, pela integração ao grupo, a conexão com os demais membros não foi complicada. Além de participar como observadora das discussões, curtindo e comentando postagens, também compartilhei conteúdos no grupo, afim de alimentar determinados tópicos e me aproximar de outros integrantes do *Glee Brasil*. Neste grupo ainda optei por deixar com os próprios integrantes interagissem entre si, revelando por si só os valores e significados anteriormente destacados, bem como as reações ao aniversário de falecimento do Cory Monteith.

Entrei em ambos os grupos inicialmente como fã da série. Com a permanência neles, a proposta de analisá-los surgiu, com base na observação e participação no funcionamento das dinâmicas. Assim, a inserção foi como de outro membro iniciante qualquer: observando como aconteciam as relações entre as postagens e a suas respostas; se apresentando, destacando características semelhantes aos demais membros; demonstrando interesse pelas postagens populares; e criando conexões com demais integrantes. Ainda de acordo com as autoras (2012),

a escolha do grau de inserção do pesquisador amplia as opções da pesquisa e implicará consequências éticas e até influências na análise dos resultados da pesquisa – no processo de triangulação – e, portanto, deve ser devidamente problematizada. (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2012, p. 194)

Na prática da etnografia virtual, como é feita a inserção na comunidade escolhida determina como seguirá a pesquisa. Os objetivos da pesquisa necessitam do contato próximo com os membros dos grupos, sobretudo do *Muisiglee'k*, uma vez que é a amostra escolhida para análise. Com a premissa de aproximação com os integrantes, a etapa de obtenção de informações dos integrantes consistiu neste trabalho, assim como no de Monteiro (2010), “na realização de entrevistas individuais em profundidade com os fãs selecionados, a partir de um roteiro de perguntas semi-aberto” (p.19). E quando colocada a dinâmica entre pesquisadora e

entrevistados, ainda de acordo com o autor,

mediante um processo de trocas e interferências mútuas, a entrevista em profundidade se revela a modalidade etnográfica mais capaz de trazer à tona as questões relativas às experiências e escolhas de vida de determinado indivíduo que este projeto pretende abordar. (MONTEIRO, 2010, p.19)

As entrevistas aconteceram por meio das próprias plataformas estudadas. Seja pelo chat do Facebook, por conversas particulares no *WhatsApp* ou no próprio *Musiglee'k*, as conversas foram informais, com um pré-roteiro guiando superficialmente o desenvolvimento dos assuntos. Não houve dificuldades de interação, ou seja, as respostas foram obtidas de maneira quase natural, como se fosse uma conversa comum virtual. Tal praticidade das entrevistas podem ser atribuídas à própria prática da etnografia virtual, que deu a mim um caráter de membro e não de pesquisadora, por mais que todos estivessem cientes do meu estudo.

Existem cerca de 25 membros constantes no *Musiglee'k*, dos quais selecionei 12 para participar das entrevistas. O critério usados para escolhê-los foi a participação no cotidiano do grupo. Há também um outro fator seletor: disponibilidade de horários compatíveis. Muitos dos integrantes são jovens estudantes do Ensino Médio ou universitários, com aulas em turnos alternados, o que dificultou o contato com alguns selecionados pelo critério de participação no grupo. Os membros foram contatados isoladamente, sem que um soubesse da entrevista do outro. As respostas foram arquivadas e somente após a conclusão da pesquisa todos foram informados deste momento. Isto foi feito para evitar que houvessem influências de um na resposta do outro, o que poderia interferir na interpretação dos valores e significados registrados.

1.2.3 Sobre autoetnografia virtual

Outro momento importante, tratando-se da análise da relação dos fãs com o produto cultural e com os demais fãs, é a análise da própria pesquisadora dentro da dinâmica geral do trabalho. Acompanho a série e me envolvi, a princípio, com ambos os grupos por gosto particular. Assim, faz-se fundamental me incluir nesta pesquisa como fã relacionada a outros fãs e com a própria série. Por vezes no processo de obtenção de conteúdo e de análise me identifiquei com valores e discussões levantadas e com o próprio comportamento de outros membros, tanto do *Glee Brasil* quanto do *Musiglee'k*.

Há, aqui, o distanciamento entre a pesquisadora e a fã. O principal cuidado quando coloco o meu envolvimento pessoal a serviço da pesquisa é conseguir entender o que é oriundo da análise comunicacional e o que vem da observação de uma fã com relação a outros. Entretanto, o que permitiu que eu, como pesquisadora, obtivesse a liberdade de permanência nos grupos e a facilidade de obtenção de informação foi justamente o fato de ser fã da série.

Monteiro (2010) traz o termo “alteridade” para trabalhar a questão do distanciamento pessoal do pesquisador para com seu objeto de pesquisa, e se faz válida esta pontuação uma vez que é realmente imprescindível que haja a compreensão entre o que é posicionamento de fã e o que análise de estudo.

Todo e qualquer olhar sobre os discursos e as práticas dos fãs assume um caráter de relação com a alteridade. Cabe esclarecer que o sentido de alteridade aqui empregado não corresponde à acepção tradicional que o termo possuía nas primeiras abordagens teóricas da questão do fã, quando este era concebido como um “outro patológico” do qual era necessário manter distância. (MONTEIRO, 2010, p. 22)

Seguindo o pensamento do autor, se manter distante faz com que o pesquisador assuma quase uma outra natureza pessoal para que consiga obter a distância necessária para analisar de maneira clara seu objeto. “Alteridade (...) diz respeito à necessidade de se reconhecer a existência de uma distância natural entre pesquisador e objeto de estudo, principalmente no que diz respeito às visões de mundo e aos objetivos de cada um no envolvimento com a pesquisa” (MONTEIRO, 2010, p.22). O que não impede nem limita o envolvimento do pesquisador com o objeto. Pelo contrário, é possível e apropriada a aproximação dos fãs (objeto de pesquisa) com a proposta e com o próprio pesquisador. E sendo o pesquisador também fã, a inserção, permanência e aprofundamento de pesquisa serão mais fáceis e práticos. Porém, como ainda ressalta Monteiro (2010), avaliando pelo aspecto da dicotomia entre aproximação excessiva e afastamento demasiado,

Sendo os discursos e as práticas dos fãs pautados por uma alta dose de investimento afetivo, como minimizar, por outro lado, os riscos decorrentes da ausência de uma afinidade (de visões de mundo, de objetivos) entre pesquisador e objeto? Como evitar que essa distância interfira negativamente na pesquisa? (MONTEIRO, 2010, p. 23)

Pensando nisso, a avaliação do comportamento da própria pesquisadora na dinâmica dos procedimentos da etnografia virtual faz-se necessária. Desta forma, além da análise de terceiros, no caso, os fãs de *Glee* pertencentes aos grupos já citados, será feita também a

minha própria observação ao longo do processo geral da pesquisa. Compreender a relação entre o trabalho, seu desenvolvimento, os pesquisados e a pesquisadora é importante para processar corretamente como foi construída a pesquisa, desde a chegada ao objeto até a finalização e resposta por parte dos estudados.

Os relatos feitos pelo etnógrafo são sempre resultado de sua interpretação da realidade, e nunca da descrição pura, asséptica e científica de eventos. (...) A crescente preocupação com a interferência da subjetividade do pesquisador no resultado de seu trabalho – resultante dessa virada interpretativa – fez com que os relatos descritivos de campo dessem mais atenção às reflexões biográficas que posicionem esse pesquisador nas questões que o mesmo traz em seu objeto. (CAMPANELLA, 2010, p. 42)

Assim, observar e ponderar sobre a minha própria inserção nessa cultura (os grupos), cercada de fundamentos teóricos, como ressalta Campanella (2010), é a saída para não deixar de lado este fator importante e que pode influenciar nos resultados da pesquisa. Tal metodologia de autoanálise será aqui grafada como autonetnografia (apesar de ser denominada de outras formas por alguns autores, significando as mesmas práticas).

Segundo Adriana Amaral (2008), esta forma de análise pode ser validada por alguns pesquisadores como somente um forma de conhecimento pessoal ou pode ser compreendida como método de pesquisa que busca entender o processo de aproximação do pesquisador com seu objeto como parte fundamental da construção do trabalho, bem como a influência de tal relação nas conclusões da análise.

O conceito de autonetnografia de Kozinets (2007) não passa de uma mera transposição para a inserção no online do conceito de autoetnografia, caro à antropologia e às ciências sociais como uma forma narrativa que “obtem sua autoridade através de uma conceitualização estreita do projeto autobiográfico. Essa relação difícil com a experiência, conecta o impulso autoetnográfico para distinguir ele mesmo de uma autobiografia (REDA, 2007, Online)”. (AMARAL, 2008, p. 8-9)

E a autobiografia, como traz Amaral (2008), quando se trata de um objeto próximo do pesquisador, como é o caso, é necessária e também parte da pesquisa, para mostrar que as observações da pesquisa e as pessoais são distintas.

Um aspecto importante na análise autonetnográfica, visando mostrar o meu comportamento como pesquisadora e como fã e a sua influencia no trabalho, é a obtenção prévia de informações sobre a série. Grande parte das descrições sobre o enredo, sobre as personagens e sobre os acontecimentos que surgem ao redor do programa foram obtidas de

maneira pessoal. Ou seja, são conteúdos que eu, como fã, já sabia e posso utilizá-las como contextualização para esta pesquisa. Acompanho a série, e demais assuntos ligados a ela, desde 2011. Consegui reunir em material pessoal a grande maioria das performances apresentadas nos episódios, além de estar em vários grupos no próprio Facebook que discutem *Glee*.

É importante destacar que as descrições, mesmo vindo do depoimento de uma admiradora do seriado, procuram ser isentas de preferências e posicionamentos. Quando há alguma explicação ou comentário tendenciosos, foram obtidos com base na observação e análise dos demais fãs do programa, objetos de estudo desta pesquisa. Ou seja, conclusões e posicionamentos claros sobre a série são fruto das opiniões dos grupos estudados.

Tratando-se de um ambiente de pesquisa online, há facilidades que interferem no processo de estudo e que fazem parte dessa autoanálise, constituindo assim, parcela crucial para a compreensão externa de toda a evolução do trabalho. Noveli (2010) mostra o acesso às informações como parte do cotidiano do pesquisador, uma vez que o computador e a internet estão à sua disposição em qualquer parte do dia (em um contexto de acesso amplo e constante) e, desta forma, como componente da metodologia de pesquisa geral e como forma de análise.

O etnógrafo [virtual] levanta, mas se encontra em sua casa, liga o computador, digita o endereço da comunidade virtual no *browser* e já está no campo. Lá, já transcritos e em farta quantidade, estão os discursos dos membros da comunidade. Uma comunidade da internet, cujo interesse comum é o consumo de algo. Opiniões, reclamações, dicas, sugestões, palpites. Um conjunto de discursos permeando o mesmo tema. Sujeitos de pesquisa: homens, mulheres e anônimos. Uma coleta de dados de pesquisa pronta e praticamente organizada para a análise do pesquisador. (NOVELI, 2010, p. 108-109)

A construção do ambiente onde o etnógrafo virtual está, assim como seus hábitos online, sua relação com o objeto e com os demais aspectos que circundam sua pesquisa, fazem parte da metodologia de pesquisa, pois interferem no resultado final da análise. Porém, conseguir compreender este comportamento pessoal é mais do que outra prática metodológica, mas sim um parâmetro de afastamento da pesquisadora para com seu objeto e seu processo de pesquisa. Assim, é possível agregar ao estudo tais experiências pessoais, já que foram precursoras para o envolvimento com os pontos analisados e obtenção de informações específicas.

Dentro da dinâmica do *Glee Brasil*, bastou meu gosto pela série e meus

conhecimentos prévios sobre ela para entrar e permanecer. Encontrei o grupo no Facebook em janeiro de 2014, com base na construção particular do meu perfil. Já no *Musiglee'k*, minha entrada aconteceu em abril de 2014, e foi por meio de uma indicação de uma das integrantes.

Vale destacar, com relação ao subgrupo no *WhatsApp*, que com o passar do tempo, muitos membros entraram e saíram, porém grande parte do “*old cast*”²⁰ permanece. Eu, por estar no grupo há vários meses, sou considerada como pertencente a uma das primeiras formações. Por ser parte desta antiga formação, tenho contato próximo com vários membros. Tal aproximação aconteceu de maneira “natural”, ou seja, sem objetivar o trabalho em si, demonstrando interesses comuns, desenvolvendo conversas paralelas ao grupo e contactando em outras redes, como no Facebook, por exemplo. Assim, a construção de laços dentro do grupo ajudou o desenvolvimento da pesquisa, na obtenção de informações, por exemplo.

Os apontamentos sobre as relações criadas entre os membros foram revelados justamente pelo fato de ser fã como eles. Ou seja, a minha aproximação pessoal com o produto cultural foi um fator fundamental para a construção da pesquisa. Sendo “uma deles”, compreendendo o comportamento de fã, a relação de confiança para o compartilhamento de informações foi estabelecida e permanece. Este contato mais “íntimo” com os integrantes foi o que permitiu minha pesquisa no grupo, com total apoio, consentimento e incentivo, uma vez que, desde que fora decidido o objeto de estudo e sua metodologia de prática e análise, os membros tinham conhecimento de todos os processos, fatores, análises, necessidades, objetivos, apresentações de resultados e tudo mais que envolvesse a construção desta pesquisa.

1.3 Categorias de análise

Durante meses de observação, intervenções nos grupos e aproximação pessoal com os membros, surgiram variadas possibilidades de análise. Selecionar um foco para discussão e correlação teórica foi um processo complicado. Conhecendo a partir da prática etnográfica virtual os aspectos presentes em ambos os grupos (*Glee Brasil* e *Musiglee'k*), determinar o que seria relevante para esta pesquisa surgiu do envolvimento dos fãs com a série.

Os integrantes do *Glee Brasil* demonstraram em suas manifestações online grande

²⁰ Chamam de “*old cast*”, assim como na própria série, os integrantes que estavam na primeira formação do grupo. É interessante destacar como eles se orgulham de pertencer ao grupo original e como são duradouras as conexões criadas entre eles. Tais conexões e suas características serão discutidas a fundo posteriormente.

conexão com os artistas que compõem o elenco e com os tópicos temáticos desenvolvidos no enredo, passando pelo desenrolar das histórias das personagens e seus desdobramentos musicais (sobre as performances feitas no programa). Tais manifestações são postagens dentro do grupo com imagens e links para vídeos da série, que alcançam grande volume de curtidas e comentários. No *Musiglee'k* o relevante é a conexão interna entre os membros e a manifestação livre quanto a diversos tópicos, oriundos da série ou não. Pessoas de idades, características, costumes, pensamento e localizações geográficas diferentes que se conectam por meio de um produto cultural comum e a partir dele desenvolvem novos assuntos e laços afetivos.

Outro fator importante é o que une os dois grupos, além do fato do *Musiglee'k* ter sido descoberto através do *Glee Brasil*: o marco temporal de um ano de falecimento do ator Cory Monteith, principal personagem masculino da série. As reações em ambos os grupos quanto a data se destacaram como a forma que foram feitas. Estas apareceram como postagens no Facebook, mudança de assunto no *WhatsApp*, publicações pessoais e até depoimentos emocionados sobre o assunto.

Assim, a construção de opiniões e relações revelaram três principais ângulos para serem analisados neste trabalho: os valores criados e sustentados a partir da série, as relações construídas entre os membros do grupo, tendo a série como ponto de partida, e as manifestações no recorte temporal de aniversário de falecimento do ator da série. Foram selecionados pela sua emergência durante os meses de permanência etnográfica²¹, mostrando serem fatores importantes dentro da dinâmica interna de relação dos membros. Faz-se, então, válida o estudo de tais aspectos detectados.

Serão feitos três recortes específicos com suporte teórico sobre a agrupação de indivíduos na internet, a construção de valores e conexões a partir de um produto cultural e demais pontos que circundam essas discussões. Além disso, também é importante contextualizar o funcionamento dos grupos, o comportamento geral dos seus integrantes e possíveis fatores externos aos pontos determinados como principais, como conflitos, dificuldades de obtenção de informações e envolvimento pessoal com a pesquisa, por exemplo.

²¹ No *Glee Brasil*, entrei em Janeiro de 2014. No *Musiglee'k*, entrei em Abril de 2014. Logo, até novembro (mês de conclusão da pesquisa), foram 10 e 7 meses de permanência nos grupos, respectivamente.

1.3.1 Valores, significados e seu impacto nos fãs

Glee tem como enredo situações enfrentadas pela juventude moderna, como preconceito, sexualidade, relações amorosas, estudo e futuro, por exemplo, guiadas pelas performances musicais. Como lida com questões pessoais das personagens, desperta nos fãs reações afetivas sobre tais temáticas. Estas reações são identificadas por meio do volume de postagens, pertinência no assunto, resposta de outros membros e são ligadas a aspectos pessoais a partir do momento em que os próprios integrantes expõem opiniões a cerca dos assuntos das postagens ligadas às suas próprias vidas. Revelam, então, valores que são considerados importantes por aquela comunidade e, acima até do *Glee Brasil* e do *Musiglee'k*, pelos fãs de *Glee* em geral.

Para chegar até esse conceitos construídos a partir da série foi necessária observação do grupo. Tal processo de observação e eventuais interferências mostraram, através das postagens no *Glee Brasil*, que as temáticas que circundam a série, como respeito, aceitação, amor, amizade, sexualidade, estão presentes e repercutem. Esta observação foi feita, sobretudo, no grupo do Facebook, onde os membros se atrelam às questões da série. Os integrantes postam cotidianamente imagens e links de vídeos, principalmente, que repercutem e geram as movimentações mais relevantes dentro da dinâmica interna. Postagens com 200 curtidas, em comparação com outras que não alcançam nem 10, mostram o que é valorizado pelos fãs ali concentrados.

Assim, a construção de conceitos, tendo como vínculo em comum a série, é revelado como o fator principal de compartilhamento de conteúdo entre os membros. Expressões como “saudade”, “eu sou como”, “amo”, “gosto”, “me representa”, dentre outras, revelam a relação próxima entre os fãs e o que *Glee* transmite. Monteiro (2010) apresenta também outras variações da manifestação do fã em seu estudo, como “Eu casaria com meu ídolo”, “Eu me tornei uma pessoa melhor depois que comecei a escutar o disco da Banda Y”, “Daria minha vida por ele” (p.45), sendo questões manifestadas nos grupos.

Em vez de simplesmente rejeitar os discursos-padrão e algo estereotipados (associando-os automaticamente à concepção patológica da idolatria) ou, por outro lado, desconsiderar a existência de fãs “produtivos” (como forma de valorizar as atividades não necessariamente produtivas do fã individual), é preciso investigar as condições de ambas as manifestações. (MONTEIRO, 2010, p. 45)

É relevante e importante mostrar como tais conceitos e significados são atribuídos e alimentados, uma vez que é uma das conexões pessoais que valem ser destacadas além do

simples consumo do produto cultural.

1.3.2 Conexões construídas entre os membros

O contato mediado pelo computador não impede a conexão próxima entre os usuários. O fato de ser uma presença não-física, com ressalta Raquel Recuero (2006), não é prejudicial para a “convivência” online dos membros de uma rede, nesse caso, de um grupo, uma vez que no universo do ciberespaço, elementos como reputação, confiança e visibilidade tornam-se importantíssimos para a interação, como bases de relações sociais e de redes sociais, através das quais alguém terá acesso a um determinado tipo capital social (BERTOLINI e BRAVO *apud* RECUERO, 2006), assim, somente características em comum na rede farão de tais relações fortes e significativas. No caso do *Glee Brasil*, o gosto em comum pelo seriado – e demais fatores envolvidos – mantém unidos milhares de usuários que, em sua grande maioria não se conhecem pessoalmente e provavelmente não irão. O importante é que, mesmo com esse fator distanciador, as relações se sustentam na rede.

Garton, Haythornthwaite e Wellman (1997) explicam que as relações sociais, no contexto da mediação pelo computador apresentam diferenças vitais com relação aos demais contextos. Para os autores, no âmbito da Internet, as relações tendem a ser mais variadas, pois há troca de diferentes tipos de informação em diferentes sistemas, como por exemplo trocas relacionadas ao trabalho, à esfera pessoal e mesmo a outros assuntos. Um determinado grupo, por exemplo, pode utilizar diversos sistemas para a interação. (RECUERO, 2009, p.4-5)

Sendo tais relações sustentadas pela internet, os conceitos da Web 2.0 baseiam o fundamento da relação entre os membros e o funcionamento do grupo, uma vez que esse conceito “não é apenas uma forma de programação de sites dinâmicos; interações sociais online não são descoladas das interações 'offline'” e que essas interações online “são sensíveis a certos condicionamentos trazido pelo aparato tecnológico” (PRIMO. 2006, p. 2). De acordo com Primo (2006), “tal relacionamento apresenta reciprocidade (uma compreensão equivalente dos interagentes sobre a natureza e qualidade de seu relacionamento), intensidade e intimidade (a familiaridade entre eles)” (p. 5).

Estes aspectos atribuídos ao *Glee Brasil* são ainda mais intensos quando trazemos o *Musiglee'k* para análise. Os integrantes se tratam como família, no sentido mais literal da palavra. Os laços ali formados são experimentados como antigas e próximas amizades, com relações de carinho, preocupação e valor de estima. Dos 25 membros já citados em

quantidade anteriormente, 15 considere, pela observação e contato constante, mais próximos e mais presentes nas discussões do grupo, com os quais fiz entrevistas individuais semi-abertas para entender como foram construídas essas relações, tanto com a série quanto com os demais fãs concentrados no *Musiglee'k*.

Durante o processo de aproximação e diálogos foi perceptível e evidente a validade das conexões construídas entre eles, tendo *Glee* como elo primário. A internet pode afastar as pessoas do contato pessoal, mas, ao mesmo tempo, as aproxima, uma vez que os extremos do Brasil estão ligados neste grupo, por exemplo.

Nas pontas destas interações mediadas por computador há identidades humanas latentes, que pensam, sonham, trabalham e têm contas para pagar. Os sujeitos têm um ambiente onde podem desenvolver todo o seu poder de imaginação, simulacro e dissimulação com as artimanhas das tecnologias e por isso este é um espaço fértil para pesquisa acerca do ser humano e duas potencialidades. (PIENIZ, 2009, p.11)

Ou seja, destacar as relações feitas por meio da série torna-se essencial para compreender este processo de conexão online entre os membros de um grupo. O fator comum entre eles, a aproximação, os assuntos discutidos em grupo, e até mesmo os conflitos mostram como acontecem, se desenvolvem e se mantêm relações sociais.

1.3.3 O recorte temporal: julho de 2014, um ano de falecimento de Cory Monteith

Com base no processo de observação e de etnografia virtual é possível afirmar que as manifestações de um grupo numeroso como o *Glee Brasil* e até mesmo em um reduzido como o *Musiglee'k*, reage a fatores externos, relacionados à série. Quando esta reação se mostra realmente relevante naquela dinâmica merece análise na pesquisa, uma vez que pode revelar, mais uma vez, os valores e as opiniões dos fãs com relação à série e com o que a circunda.

Até mesmo em situações menores, como a postagem de uma fotografia por um dos atores da série, causa comoção entre os membros, dependendo do assunto que traz para discussões internas. Compartilhar uma informação que seja relevante para a dinâmica do grupo com os demais integrantes do grupo gera curtidas, comentários e discussões. No caso de *Glee* há um acontecimento que marcou os fãs, os atores e a própria série, e que teve grande impacto na dinâmica do *Glee Brasil*, com reflexos no comportamento do grupo, e no *Muisglee'k*, para alguns membros. O fato foi o falecimento de um dos atores principais da

série, em 2013. Completando um ano do fato, houve repercussões em ambos os grupos.

Para entender a relevância do ator e o porquê da comoção das comunidades, é fundamental saber sobre o lugar dele no programa e como aconteceu seu falecimento. O seriado gira em torno de um grupo de estudantes do que se compara ao Ensino Médio no Brasil. Há dois personagens que guiam a história e eram considerados os líderes do *glee club*: Rachel Berry, interpretada por Lea Michele, e Finn Hudson, interpretado por Cory Monteith. Durante as três primeiras temporadas tais personagens lideraram a história, se transformaram em um casal e acabaram por se envolver na vida real também. Esta junção dos atores e dos personagens afetou muitos dos fãs, tornando-os ainda mais próximos da série, uma vez que eles acompanham não só os acontecimentos da história em si, mas também da vida pessoal e cotidiana da equipe do show. Cory possuía problemas envolvendo consumo de drogas que eram de conhecimento público, visto que na 4ª temporada da série foi obrigado a se afastar por estar internado em clínicas de recuperação, assim como na 5ª. A dinâmica entre ele e Lea era um dos principais eixos do enredo geral da série. Assim, a ausência pertinente do ator fez com que tal relacionamento fosse substituído por outras continuidades, além da própria presença do Finn na dinâmica da série como um todo. Em 13 de Julho de 2013 os fãs foram surpreendidos com o falecimento repentino de Cory Monteith. O ocorrido foi pautado em grandes veículos de comunicação, como o *GI* e o *Fantástico*. Durante eventos importantes da TV e do cinema, Cory recebeu homenagens, como no *Emmy 2013* e no *Globo de Ouro 2014*, e ainda é lembrado com uma das grandes perdas do segmento. O ator faleceu em Vancouver, Canadá, sua terra natal, aos 31 anos. Foi encontrado já sem vida em um quarto de hotel, onde estava hospedado para visitar alguns amigos residentes na cidade. A morte foi associada pela perícia a uma combinação letal entre bebidas alcoólicas e heroína.

Em 2014, completando um ano do acontecido, a comoção dos fãs quanto ao acontecido se mostrou relevante para a pesquisa, sendo um bom recorte temporal para a análise. Para notar e compreender a construção dos valores já citados, a delimitação de tempo de análise e poder aproveitar o aniversário de falecimento do ator para obter as manifestações dos fãs nos grupos foram fundamentais para a realização desta pesquisa.

O mês de julho foi marcado por diversas postagens sobre o assunto, além de outras já comuns à dinâmica do *Glee Brasil*. No *Musiglee'k* também houve mudanças no comportamento dos membros e até mesmo do layout do grupo, com a utilização de imagens e menções ao autor. Assim, a relevância desse fato se mostrou grande e promoveu em ambos os

grupos manifestações que se destacaram na observação e na prática etnográfica virtual.

Por meio da metodologia apresentada, aplicada aos grupos escolhidos, analisando os aspectos destacados, o capítulo seguinte traz os resultados da pesquisa. Com os registros em imagens das postagens principais feitas no *Glee Brasil* e trechos das entrevistas com os membros do *Musiglee'k*, as análises revelaram reflexões sobre o comportamento do *fandom*, sobre os laços entre membros de um grupo virtual e sobre os significados atribuídos e construídos.

Capítulo 2 – Refletindo sobre os resultados obtidos

Este capítulo está estruturado pelos grupos de análise. Primeiramente há o estudo dos aspectos pertencentes ao *Glee Brasil*, grupo do Facebook. O tópico 2.1 traz sua estrutura e suas regras de funcionamento, para compreender como e por que os integrantes se reuniram. Logo depois há as observações específicas: (2.1.1) sobre o que ganha destaque no grupo, exemplificado com publicações, revelando significados importantes para os *gleeks*; e (2.1.2) sobre o que representa o falecimento do ator Cory Monteith para os fãs, também recorrendo a exemplos de postagem feitas no grupo. Feita a análise do *Glee Brasil*, há a do *Musiglee'k*. O tópico 2.2 mostra como o grupo foi construído e as regras em que se baseia o comportamento do grupo, visando entender a sua formação para a análise posterior. Seguindo, há os pontos estudados: (2.2.1) sobre o que é importante para os membros, revelando valores prezados pelos membros, com relação a série e aos demais integrantes; e (2.2.2) sobre a construção e consolidação de vínculos sociais virtuais.

Através de entrevistas individuais, conversas em grupo e registro de manifestações, foi possível identificar os valores, significados e o que faz com que estes fãs se conectem e formem redes reduzidas, de caráter mais pessoal. Diferentemente de uma estrutura tradicional de análise, com a fundamentação teórica precedendo a apresentação de resultados, aqui os dois pontos serão desenvolvidos simultaneamente. Neste caso, revelar os aspectos encontrados na pesquisa junto com sua fundamentação e sustentação teórica faz com que sejam melhor visualizados e compreendidos. Ou seja, acompanhar a análise dos recortes simultaneamente da teoria traz uma interpretação dos resultados mais clara, pois aproxima o que já é de conhecimento teórico do experimentado na pesquisa.

Antes de apresentar as análises é preciso saber da importância da construção dos grupos, afinal a reunião de pessoas online em torno de um produto cultural é o principal fundamento desta pesquisa. Um grupo online ou comunidade virtual é uma reunião de pessoas que interagem através da internet, e se relacionando constantemente desta forma começam a fixar condutas e estruturas que guiam todos os envolvidos (RECUERO, 2008). Com essa definição, podemos desenvolver a análise partindo do ponto de que indivíduos online se conectam a uma rede social ou a um aplicativo e se reagrupam em comunidades menores, com estruturas, objetivos e comportamentos específicos. Estas serão as características ressaltadas, tanto no *Glee Brasil* quanto no *Musiglee'k*. A ideia de construção de ambos os

grupos é parecida. Pessoas se agrupam dentro de espaço virtuais, como as redes sociais, buscam e repassam informações sobre os produtos culturais que consomem, como no caso, um programa de televisão, e fazem um trabalho conjunto de troca e de acúmulo de conhecimento (NOGUEIRA e FERREIRA, 2012). “Atualmente, é comum pessoas se reunirem nas mídias sociais na internet para compartilhar experiências relacionadas à televisão, trocando conteúdos diversos e opiniões sobre programas” (NOGUEIRA e FERREIRA, 2012, p. 9).

Os criadores dos grupos procuram reunir pessoas com os mesmos interesses que eles em um ambiente onde ser fã de *Glee* basta para pertencer ao meio, assim como afirma Barabási (2002, p. 44), que “os seres humanos possuem o desejo inato de constituir rodas e grupos que lhes proporcionem familiaridade, segurança e intimidade”. Ainda segundo o autor,

As redes [como as criadas entre os fãs, em ambos os grupos] são, por sua própria natureza, a urdidura dos sistemas mais complexos, e os nós e links impregnam profundamente todas as estratégias voltadas para a abordagem de nosso universo interconectado. (BARABÁSI, 2002, p. 194)

Reunidos por meio de um produto cultural e pela ligação individual de cada membro com o mesmo, os grupos crescem e podem se desordenar, quebrando o princípio de agregar mais pessoas que gostem do programa de maneira harmoniosa. Primo (2005) lembra, sobre o crescimento de um grupo virtual, que a entrada desordenada de mais membros pode afetar o funcionamento interno, e que para que isso não aconteça deve haver uma estrutura e uma organização definidas. Ou seja, deve haver regras. Para compreender, então, como os grupos obtêm sucesso na sua continuação, falemos sobre suas estruturas e manuais de convivência.

Segundo Recuero (2008, p. 4), “a estrutura é aquilo que um grupo social tem de mais permanente, ou seja, implica uma certa sedimentação dos modos de agir e das relações sociais” e “constitui-se naquilo que uma determinada sociedade possui para que seja considerada como tal”. E como cada ação feita em uma comunidade virtual é visualizada por todos os demais membros, é julgada, analisada e logo recebida ou rejeitada pela própria comunidade (PRIMO, 2005). Para que o funcionamento do grupo seja pleno e o objetivo de compartilhamento de informações e criação de laços seja alcançado, Primo (2005) sugere uma lista de características que se encaixam no que o *Glee Brasil* e o *Musiglee'k* aplicam aos seus membros: limites claramente definidos; regras de uso do bem coletivo; as pessoas afetadas pelas regras podem participar da reconstrução delas; existe um sistema de monitoramento do

comportamento dos integrantes, sendo que é feito pelos próprios membros do grupo; e os membros têm acesso a mecanismos simples de resolução de conflitos. Tais ações estão presentes em ambos os grupos.

A partir da aplicação das regras, a organização do grupo flui. No tem em que estou inserida em ambos não presenciei nenhum conflito que gerasse expulsão de algum membro ou alguma confusão grande que colocasse a continuidade dos grupos. Assim, pode-se afirmar que a coexistência online dessas pessoas, integrantes dos grupos, atende ao propósito da cordialidade entre os fãs de *Glee*. “As mídias digitais foram criadas a partir de demandas sociais e fomenta o fortalecimento dos mesmos movimentos coletivos” (PRIMO, 2010, p. 6) e é o que se observa tanto no *Glee Brasil* quanto no *Musiglee'k*: a união de pessoas que tem um gosto em comum, em uma estrutura bem definida e com organização interna que permite fluidez e coexistência virtual pacífica entre tais pessoas.

A partir da análise de objetivos dos grupos pode afirmar que mais que uma reunião de usuários de uma rede em uma comunidade de um assunto específico, eles revelam outros significados.

Criando e organizando comunidade complexas, desenvolvendo meios de acessar seus programas favoritos e os paratextos correspondentes a eles (...), os fãs brasileiros têm práticas participativas que os ajudam a chegar o mais perto que podem dos universos que tanto amam e também dizer o que gostam e o que querem. (...) A partir dessas práticas eles podem se expressar. (CURI, 2012, p. 1210)

Os *fandoms*, subdivididos em comunidades online, constroem dinâmicas particulares que geram a criação de laços e significados específicos para cada agrupamento. Desta forma, dentro de tais grupos, a liberdade de trocar informações com outros fãs, que dividem os mesmos sentimentos, impressões e valores que os demais faz com que gerem conteúdo rico de significados possam ser explorados para compreender essa relação entre fã e produto cultural.

O *Glee Brasil* e o *Musiglee'k* são, além de segmentações do *fandom* de *Glee*, comunidades de sentido (JANOTTI JR, 2005). Os fãs se reúnem em agrupações em torno de um gosto comum (*Glee*) e começam a partilhar de outros interesses, posteriormente. Segundo Janotti Jr, as comunidades de sentido são

agregações de indivíduos que partilham interesses comuns, vivenciam determinados valores, gostos e afetos, privilegiam determinadas práticas de consumo, enfim, manifestam-se obedecendo a determinadas produções de sentido em espaços desterritorializados,

por meio de processos midiáticos que utilizam referências globais da cultura atual. (JANOTTI JR, 2005, p. 119)

Assim, os grupos que foram estudados apresentam as características não só de consumidores de um produto cultural, mas também de indivíduos reunidos e conectados por meio de conceitos pessoais que são compartilhados e então fomentados em conjunto. Ou seja, *Glee* é um ponto de partida para a interação entre os membros dos grupos e para a construção de sentido a partir do que é compartilhado. Apesar de não coexistirem em um ambiente físico, o virtual supre as deficiências que surgem pelo afastamento geográfico (JANOTTI JR, 2005) permitindo que partilhem seus ideais e criem novos, a partir da convivência online.

2.1 Glee Brasil



FIGURA 2: Capa do grupo *Glee Brasil*²² em outubro de 2014

Wesley junto de mais uma amiga de longa data, resolveram criar o *Glee Brasil* para reunir outros fãs da série *Glee* já que não havia outros geograficamente próximos a eles. Encontraram na internet uma forma de conhecer fãs do programa, para compartilhar conteúdos, opiniões, discutir sobre as performances, sobre os personagens, sobre os artistas e produtores do show e ter alguém com quem dividir a admiração e afeto com o show. Wesley conta, em entrevista, que encontraram no grupo outros “loucos” como ele e a amiga e que se não fosse pela internet jamais conheceria aquelas pessoas e não teriam com quem compartilhar o “amor”²³ pela série, nas suas próprias palavras²⁴. O espaço físico já não é uma

²² Não é possível disponibilizar os links das imagens reproduzidas pois foram retiradas do grupo *Glee Brasil* e este é fechado somente para membros.

²³ As expressões “loucos” e “amor” foram retirada de maneira literalmente da entrevista com Wesley. Ou seja, são as próprias definições do entrevistado. Tais marcas textuais revelam o quão importante a série é para os fãs. Ou seja, evidencia o investimento afetivo de quem acompanha o programa. A intensidade das palavras e o fato de ressaltarem a necessidade de contato com outros fãs mostram o poder de conexão que *Glee* possui.

²⁴ Cabe lembrar que as entrevistas foram feitas através do chat do próprio Facebook e do *WhatsApp*, assim a

limitação, uma vez que a web permite a conexão entre indivíduos independente da distância geográfica.

O desenvolvimento e a expansão do uso da internet e do computador propiciaram um novo ambiente de socialização e uma nova forma de comunicação mediada por computadores. Sem sair de casa, as pessoas têm a possibilidade de trocar informações sobre qualquer assunto e compartilhar experiências com pessoas de qualquer parte do mundo no novo campo de comunicação, o ciberespaço. (NOGUEIRA e FERREIRA, 2012, p. 30)

No *Glee Brasil* há um espaço dedicado somente às regras e ao contato dos integrantes do grupo com os administradores, como já foi visto na figura 1. As regras são claras e presam pela cordialidade entre os membros, como se pode perceber nas palavras do próprio Wesley, na postagem no grupo:

REGRAS: 1 – Não é permitido de maneira nenhuma XINGAR membros, usar palavras de baixo calão ou de alguma forma humilhá-lo. Caso contrário será BANIDO do grupo. 2 – Em nenhum momento será permitido comparações de atores/personagens ou algo que de alguma forma tente questionar quem é melhor, até porque isso não irá mudar o talento de cada um. 3 – Aprendam que ninguém possui opiniões iguais e que nem todo mundo irá ter a mesma opinião que a sua. Gostando ou não, apenas respeite. Há diferenças entre expôr sua opinião e obrigá-lo a seguir sua opinião. 4 – Qualquer post criado no grupo deverá ter, antes de qualquer descrição, a *tag*²⁵ apropriada. 5 – Divulgações, Apresentações de si, Reclamações, Sugestões, deverá ser feito no post apropriado, caso contrário será apagado. Esperamos que entendam as regras e sigam para que o Grupo não seja uma bagunça. Sejam todos bem-vindos e curtam o GLEE BRASIL.

O surgimento do grupo é uma tentativa de reunião daqueles que tem os mesmos pensamentos e vontades com relação à série. “No ciberespaço, pessoas do mundo inteiro se reúnem em torno de interesses comuns para compartilhar informações e opiniões, e as mídias sociais, atualmente, são os espaços dedicados dentro da internet para essas agregações” (NOGUEIRA e FERREIRA, 2012, p. 45). Esta reunião é feita também como uma forma de refúgio para aqueles que querem manifestar seu pensamento e valor com relação a *Glee* mas

linguagem informal da internet pode dificultar a transcrição literal das conversas. Desta forma, em algumas situações (como essa) trarei a interpretação do diálogo para o texto. Nesta conversa com Wesley também havia seqüências de *emoticons* no formato de corações e *smiles* (um sorriso) quando falávamos da sua relação com *Glee* e com o *Glee Brasil* em geral.

²⁵ A *tag* é um marcador de assunto no grupo, para que os membros se organizem quanto às discussões. Segundo o texto original das “Regras”, há tipos de *tags* a serem seguidas: “[ON] – Assuntos relacionados a série ou vida pessoal dos atores, ou seja, tem algo sobre GLEE ou sobre alguém da série; [OFF] – Qualquer assunto que não venha a ser interesse referente a série. [NEWS] – Notícias da vida dos atores, lançamentos de músicas tanto da série como carreira pessoal e vídeos de ambas (Série/Carreira Pessoal). [SPOILER] – Qualquer notícia antecipada sobre o enredo da série. Aquele *post* que não estiver com a *tag*, será avaliado poderá não ser excluído, mas se o mesmo persistir, será apagado sem aviso.” (Texto explicativo postado por Wesley, no *Glee Brasil*)

se veem reféns do julgamento da sociedade online. Há muito seriadores²⁶ que desaprovam a forma como *Glee* conduz seus assuntos bem como as versões de músicas populares que fazem. A série é vista com preconceito pelos demais *fandoms* pela sua temática sexual (com relação a homossexuais, principalmente) e pelo próprio caráter musical. Para um *gleek* se manifestar na rede abertamente, ou em uma comunidade com fãs de outros seriados, sobre seu gosto pela série, exige, em certas situações, coragem. Havendo um grupo onde todos estão na mesma situação, e onde a cordialidade sentimento de pertencimento familiar são primordiais, o *gleek* se sente à vontade para revelar seus valores, significados e aproximações com o show.

Como conta Wesley, apesar de todo trabalho que dê manter o grupo funcionando adequadamente, sem conflitos, desrespeito e demais problemas, é gratificante atingir o objetivo primário de reunir *gleeks*. Segundo ele, em entrevista, “o grupo faz parte do meu cotidiano, faz parte da minha vida. Me dá trabalho, dor de cabeça, mas me faz rir, me faz querer cuidar mais dele cada vez que um membro entra e elogia o grupo pela nossa organização”.

2.1.1 O que é importante no Glee Brasil?

Comunidades virtuais como as escolhidas para esta pesquisa são mantidas por meio de produção mútua e troca recíproca de conhecimento e informação. Esta dinâmica é denominada como inteligência coletiva, um processo dinâmico e participativo em que se supõe que cada um tem algo a contribuir para o enriquecimento mútuo dos indivíduos (PRIMO, 2010). De acordo com Primo (2010, p. 5), inteligência coletiva é como uma inteligência distribuída por toda parte. Incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências e uma manifestação clara dessa inteligência coletiva no ciberespaço, ainda segundo o autor, é a formação de comunidade online sobre determinado produto cultural, como são o *Glee Brasil* e o *Musiglee'k*.

O que é postado constantemente nos grupos revela o que essa inteligência coletiva construída por esses fãs considera mais relevante ou importante para eles naquele momento, seja ele da série, da sua vida pessoal ou de algo que sente falta ou gosta no programa e

²⁶ Seriadores é termo usado para denominar aquele que acompanha diversos seriados ao mesmo tempo. É usado pelos próprios fãs na tentativa de categorizar quem faz do assistir séries algo característico de seus hábitos.

gostaria de relembrar. Assim, as demonstrações de afeto para com a série acontecem desde a postagem de conteúdos novos, como notícias ou comentários sobre episódios recentes, a resgate de momentos do programa que deixaram saudade nos fãs.

Analisando o *Glee Brasil*, a forma como é feita a postagem (se tem uma imagem, link ou somente um texto), quantidade de curtidas e comentários revelam o que essa grande massa de fãs (considerando a quantidade total de membros) considera importante. As figuras 3 e 4 são *capturas de imagem* de postagens que exemplificam o que recebe destaque no *Glee Brasil*. Relembrar personagens, cenas e performances instigam os demais integrantes do grupo a revelar seu gosto por aquilo, por meio das curtidas. Isso revela que os integrantes são mais ligados ao passado da série em comparação ao presente. As postagens que surgem sobre episódios recém-lançados geralmente revelam críticas negativas e o sentimento de saudade com personagens, tramas e performances antigas. Ou seja, os fãs reunidos no *Glee Brasil* não estão satisfeitos com a série atualmente, que se encaminha para sexta e última temporada.



FIGURA 3: Postagem no *Glee Brasil*



FIGURA 4: Postagem no *Glee Brasil*

Na figura 3 há uma colagem contendo o elenco principal das primeiras três temporadas da série. A pergunta feita na postagem (Qual o seu personagem favorito?) recebe respostas, na sua maioria, relacionadas aos personagens pertencentes ao elenco original, ou seja, aos das temporadas mais antigas. Na figura 4 há um recorte de uma cena da segunda temporada de *Glee*. A personagem da cena é a Brittany, parte do elenco principal da primeira temporada, querida pela ingenuidade. Na cena postada há a representação de um sentimento comum entre os membros do *glee club* na série e os fãs da série: ambos sofrem bullying no meio onde estão inseridos. Assim, o apelo da postagem é duplo, tanto pelo resgate de um momento de uma temporada antiga e pela representação desse sentimento compartilhado.

Duas postagens que também representam assuntos recorrentes no grupo e que mostram o vínculo que os fãs tem com a série e com principalmente os personagens pertencentes às três primeiras temporadas são as figuras 5 e 6. Lea Michele é a atriz principal do programa e chama atenção pela alcance vocal e por ter a maior quantidade de performances com solos, em relação ao restante do elenco. Desta forma, é uma das atrizes mais comentadas e destacadas, positiva e negativamente. Mas como é perceptível pelo volume de curtidas na figura 5, Lea e sua personagem Rachel tem grande repercussão no grupo, assim como outros atores/personagens. Ou seja, postagens que envolvem o elenco também geram movimentação entre os membros. Na figura 6 vemos a demonstração de reprovação com a ausência de personagens do elenco antigo da série. Os citados na imagem incorporada à postagem já não aparecem com frequência na quarta e sexta temporadas, o que desaponta os fãs, como se pode perceber pelo volume de curtidas. Assim, o sentimento de saudade, falta e apego pode ser considerado como predominante no grupo.



FIGURA 6: Postagem no *Glee Brasil*



FIGURA 5: Postagem no *Glee Brasil*

A música “Don’t Rain On My Parade”, citada na figura 5, é uma das interpretadas pela personagem de Lea Michele. Dentre as várias canções feitas por ela na série, esta, em especial, é como uma marca registrada da personagem. Originalmente cantada por Barbra Straisend, no filme “Funny Girl” (1968), é caracterizada por notas altas e difíceis, porém realizadas com primor por Lea. Assim, na figura 5, há a demonstração de carinho do *fandom* com a atriz e com sua personagem. Já na figura 6 há o resgate de personagens pertencentes ao elenco original da série. Quinn, Finn, Puck e Mike perdem volume de participação em *Glee* a partir da quarta temporada, o que decepcionou muitos fãs por serem personagens queridos. Assim, no texto da postagem (“Que dó da criança”) está representada a saudade dos fãs com relação as temporadas mais antigas.

Porém, ao mesmo tempo que mostram desagrado com o rumo da história também exibem orgulho do programa. A figura 7 revela isso. Na postagem, fazendo referência à série como perfeição, mostra que defendem e se importam com a série, não só para si mesmos mas também para comunidade de fãs de outros seriados. A postagem é um compartilhamento

oriundo de uma página sobre *Glee*, que também tinha um volume considerável de curtidas. Pode-se, então, considerar os *gleeks* como fãs apegados à série e que se importam com o programa, mesmo que esteja com baixa audiência e seja reprovado pelos demais seriadores.



FIGURA 7: Postagem no *Glee Brasil*

Não é só sobre *Glee* que os fãs conversam no *Glee Brasil*. Um bom exemplo é a Copa do Mundo no Brasil, que coincidentemente aconteceu no mesmo intervalo temporal escolhido para análise nessa pesquisa. Durante o mês de julho aconteceu um jogo entre Alemanha e Brasil, resultando no placar de 7x1. Os fãs, que também estavam acompanhando o evento, se manifestavam no grupo relacionando o jogo à série. As figuras 8 e 9 representam tais manifestações. Na primeira, a postagem ressalta mais uma vez a insatisfação dos *gleeks* quanto às temporadas mais recentes da série, comparando o desempenho ruim da equipe do Brasil com a quinta e a sexta temporadas e a vitória do time alemão com o sucesso das três primeiras. Pelo volume de curtidas pode-se perceber a aprovação dessa comparação. Já na figura 13 há um recorte de uma cena em que uma personagem agride a outra no rosto,

também representando o resultado do jogo. Com uma quantidade grande de curtidas, a postagem revela que os fãs também estão atentos a outros eventos e assuntos, conseguem correlacionar com o produto cultural que consomem, gostam de compartilhar com os demais fãs e recebem resposta, o que mostra que eles conseguem absorver e discutir assuntos diversos correlacionando com *Glee*.



FIGURA 7: Postagem no *Glee Brasil*



FIGURA 8: Postagem no *Glee Brasil*

Acontecimentos que se assemelham a *Glee* e fazem com que o fãs se lembrem da série também ganham atenção em publicações com este conteúdo. A figura 11 é a captura de imagem de um postagem feita por mim no grupo. Vi em uma publicação da página da Revista Veja em conteúdo que poderia ser de interesse do *Glee Brasil* e publiquei. A reportagem era sobre um grupo de garotos de uma escola europeia que gravou um vídeo com performances de músicas da cantora Shakira para arrecadar fundos para uma causa social. Com a frase “Isso é familiar?” instiguei os demais integrantes a lembrar de um dos grupos escolares existentes no enredo²⁷ da série. A resposta foi significativa, obtendo curtidas e comentários do tipo “Lembra mesmo! Mas *Glee* é melhor!” e “Falta de criatividade! Copiaram *Glee* e ainda

²⁷ Dentro de *Glee* há outros grupos, além do principal. Por participarem de competições entre corais, aparecem outras escolas ao longo das temporadas. Na segunda são apresentados os *Warblers*, coral de uma escola só para garotos. Sendo semelhante à proposta do grupo retratado na postagem, promoveu a lembrança de *Glee* e a comparação com o que acontece no programa.

fizeram pior”. Tal resposta deles à minha postagem mostra que reconhecer o seriado em acontecimentos externos é de interesse dos fãs e causa novamente o movimento de defesa do programa.



FIGURA 11: Postagem no *Glee Brasil*

A presença dos atores da série em eventos e festas também movimenta o grupo. Constantemente surgem postagem com fotografias do elenco em premiações e demais acontecimentos do gênero. Com relação a aparições dos atores, quando estes são fotografados com membros de outras séries também chamam a atenção dos *gleeks*. A aparição de *Glee* em páginas de tais séries gera um sentimento de orgulho nos fãs, como se fosse um feito reunir elencos de séries diferentes e *Glee* estar entre elas. Aproveitando dessa observação feita no grupo, realizei novamente uma postagem (figura 12). Nela estão dois membros do elenco, Jonathan Groff e Lea Michele. Entre os atores está David Shwimmers, o Ross da série americana *Friends*. Com a pergunta “Tem algum *gleek* fã de *Friends*?”, consegui um volume grande de curtidas, já que muitos fãs de uma determinada série também acompanham outras.

Mas o que chama atenção, além da manifestação do gosto pela série *Friends*, é o carinho demonstrado nos comentários como “Amo Jon Groff!”, “Saudades do Jesse^{28!}” e “Olha a Lea novinha! Que gracinha!”.



FIGURA 12: Postagem no *Glee Brasil*

Uma postagem que chama a atenção pelos comentários emocionados é a representada pela figura 13. O vídeo postado por um integrante do grupo é uma performance do elenco da quinta temporada da série. No texto, o membro comenta sobre o fim da série e que espera que ela tenha um final digno²⁹ (nas próprias palavras do *gleek*), mostrando o apreço que tem com o programa. Os demais fãs mostram com o volume de curtidas e com a forma de comentar a postagem que a série e seu encerramento próximo os afetam emocionalmente. Pode-se observar pelo comentário em destaque que *Glee* realmente representa valores pessoais, que pode ser observado no comentário em destaque. O *gleek* revela o quão importante a série na sua vida mostrando que o programa tem a capacidade de entrar na vida pessoal dos fãs e

²⁸ Personagem interpretado pelo Jonathan Groff na primeira, segunda e terceira temporadas, sendo que esteve presente somente em poucos episódios.

²⁹ Um dos grandes medos revelados nas observações do grupo é de que a série não tenha um final que agrade ao *fandom*. Pelos episódios que tem sido apresentados nas duas últimas temporadas, os fãs demonstram receio do que pode ser feito do final de *Glee*, que acontecerá em 2015, na sexta temporada.

agregar valores, tais como superação, respeito e até mesmo amor, como se pode ver no comentário destacado.



FIGURA 13: Postagem no *Glee Brasil*

Comentário em destaque:

“Nenhuma série me fez me sentir especial como sou, e que tudo nessa vida passa e tem como dar a volta por cima mesmo que não seja fácil, se eu tiver filhos com certeza irei mostrar a série pra eles pra cada glee k a série vai ser eterna seja por lembranças e fanfics, ela vai continuar ajudando muita gente e conquistando novos fãs”.

Fica evidente na fala deste membro do *Glee Brasil* a atribuição emocional que o *fandom* faz. A presença da série na vida destes fãs é grande e ocupa lugar de suporte, incentivo e superação. As histórias desenvolvidas em *Glee* conseguem se aproximar de situações vividas pelos membros do grupo fazendo com que eles se enxerguem também no desfecho dos acontecimentos na série. Ou seja, a série se torna um espelho para os fãs, os incentivando a tomar decisões pessoais.

2.1.2 Julho de 2014: o que representa o falecimento do ator Cory Monteith?

Discutir a influência da vida de uma figura midiática, como é uma celebridade, seja ela de que natureza for, no seu público implica perceber e considerar separadamente tal figura como parte de um mercado e como ser humano qualquer. Segundo Primo (2009, p. 8-9) “A celebridade é, ao fim e ao cabo, uma mercadoria, fruto de um projeto bem planejado com objetivos e metas a serem alcançados. (...) O status de celebridade, portanto, não é uma construção individual, simples consequência do talento próprio”. Assim, para compreender o

que significa um ator para seu fã é preciso abarcar também a construção que é feita ao seu redor, assim como fatores pessoais, afim de separar a imagem erguida em torno do ator e do que ele transparecia para seus admiradores.

“A mobilização em torno de eventos ligados a vida íntima das celebridades não necessariamente os transforma em acontecimentos públicos” (LANA, 2010, p. 16), porém para o *fandom* o fato da morte do ator ter acontecido de maneira repentina, mesmo que já houvesse o precedente de envolvimento com drogas. O falecimento repercutiu na grande mídia por tratar-se justamente de um evento em que um grande volume de pessoas foram sensibilizadas.

“Mesmo sem interferir diretamente no cotidiano das pessoas comuns, os eventos da vida íntima das personagens públicas são observáveis e reconhecíveis” (LANA, 2010, p. 14) e podem se tornar até parte do que tais pessoas consideram importante para sua conduta moral individual e em sociedade. Lana (2010) discute a dualidade entre público e privado na dimensão em que um evento privado de uma figura midiática transforma-se em público, podendo interferir na vida socializada. Segundo a autora, “o impacto e as consequências dos acontecimentos visíveis na mídia dependem das maneiras como estes se estruturam” (2010, p. 17), e podem fazer com que emergjam “modelos de conduta reconhecíveis, criando novas pontes e barreiras para a autenticação de valores sociais” (2010, p. 17). Assim, no caso de Cory Monteith, surge o conflito entre valores morais do senso comum da sociedade (em que consumir drogas ilícitas torna o sujeito em errado perante a sociedade) e valores do *fandom* (de que Cory representava a amizade, companheirismo, bondade, etc).

Primo (2009) levanta o questionamento: “Depois de décadas sendo 'educados' pela mídia, não fomos ensinados que devemos seguir certas personalidades?”. Então os fãs deveriam somente se ligar àquelas imagens positivas, bem estruturadas e se mantêm seguindo as regras de bom comportamento aceitas pela sociedade em geral, como constituição familiar, bons hábitos e respeito a ordens sociais? O laudo da perícia quanto às causas do falecimento de Cory Monteith já revelam uma transgressão ao que é considerado bom e correto: consumo exagerado de drogas ilícitas, acarretando em uma overdose letal, pela combinação de heroína e bebidas alcoólicas. Então, de acordo com Primo, os fãs não deveriam continuar seguindo uma celebridade com comportamento não condizente com os padrões comuns sociais. Porém não é que revela a observação das manifestações quanto ao um ano da morte do ator.

Dentre as manifestações notadas no *Glee Brasil*, há as que fazem referência à série e

as que relembram sua vida pessoal. A partir delas é possível entender o vínculo criado entre os fãs, o ator, seu personagem e outros fatores que os circundam, mesmo após o acontecido. Com base na observação das postagens, lembrar sua vida e agradecer pelo que o ator fez em vida são os principais motivos para as postagens.

O falecimento, em julho de 2013, foi notícia em muitos portais online, fez com que a emissora Fox transmitisse um “Especial Cory Monteith” com episódios de *Glee* e ainda repercutiu na mídia televisiva brasileira, contactando fãs da série no Brasil para comentar o acontecimento. Ou seja, a morte do ator teve grande impacto, não só nos fãs mas também na produtora da série e nos veículos de notícias nacionais. Em 2014, completando um ano de falecimento, os *gleeks* mostraram que o fato ainda é presente na memória e ainda os afeta emocionalmente. Durante o recorte temporal feito no *Glee Brasil* foi possível identificar demonstrações dos membros que representam, no geral, a sensação e o significado para os fãs. Um ponto que deve ser deixado claro inicialmente é que, como qualquer outro personagem ou artista, Cory não era admirado por todos os fãs e seu personagem, Finn Hudson, apesar de ser um dos principais, também não era o preferido de muitos *gleeks*. O que é importante ressaltar com relação a isso é que a manifestação de cada integrante do grupo é livre e há o respeito a cada postagem, como previsto nas regras.

Para analisar a relação do fãs com o falecimento do ator, observei as postagens que continham algo ligado ao assunto durante todo o mês de julho. Assim, destaquei aquele que representam, de maneira geral, o sentimento que vigorou no *Glee Brasil*. Dentre as principais, havia textos curtos e extensos, contando do contato de cada um com o ator e o que ele, e seu personagem, representavam para o fã em questão. Assim como na análise do que é destacado no grupo, considerando o volume de curtidas e o conteúdo da postagem, agora também será feita essa observação. Porém, como nas postagens datadas com dia treze de julho (data do falecimento) há textos longos, também será considerado o conteúdo relatado textualmente. As postagens que serão comentada representam os assuntos e tipos de conteúdo mais recorrentes durante o recorte temporal. Ou seja, as publicações aqui reveladas são uma amostra do que sobressaiu no grupo durante o mês de julho de 2014.

No primeiro dia de análise (dia primeiro de julho) já houve uma manifestação com relação ao falecimento do ator. A figura 14 é a captura de imagem da postagem. A imagem mostra um desenho do elenco principal da série, com Lea/Rachel em destaque junto do “anjo” de Cory Monteith. Com a descrição “chocante”, a publicação conquistou um volume grande

de curtidas e comentários simples como “Saudades”, “Nosso eterno grandão”, ou somente *emoticons* que simbolizam choro e tristeza. Assim, já se pode perceber a conexão que os *gleeks* tem com o acontecido: saudade. Na mesma situação está a figura 15. A imagem postada é um recorte de uma das cenas do episódio em que revelam o falecimento também do personagem Finn Hudson³⁰. A resposta dos membros do grupo também é significativa, mesmo que ainda não seja a data exata do falecimento. Isso reforça que existe o sentimento de perda, tristeza e saudade nos fãs.



FIGURA 14: Postagem no *Glee Brasil*

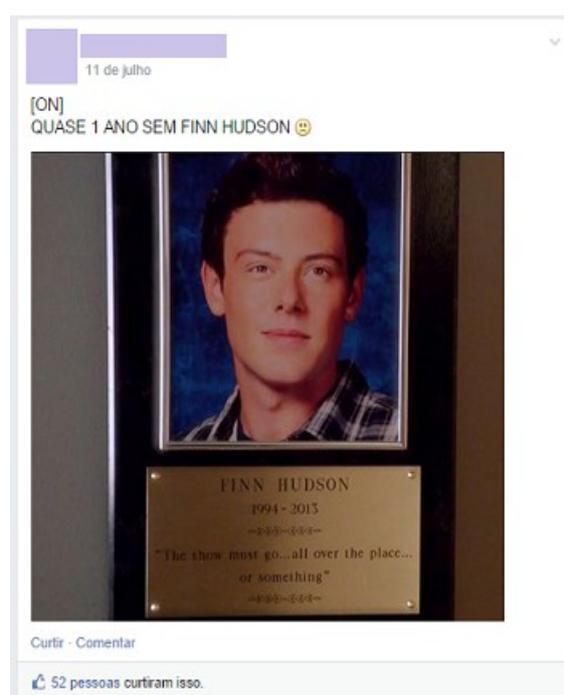


FIGURA 15: Postagem no *Glee Brasil*

Além das postagens sobre o Cory diretamente, as que tivessem algo relacionado ao ator ou sua foto também obtiveram resposta dos demais membros. As figuras 18 e 19 são publicações que o incluíram no conteúdo e obtiveram grande volume de respostas no grupo. Na figura 15 há três fatos reunidos: o nascimento do filho de Heather Morris (Brittany em *Glee*), o falecimento do Cory e o casamento de Naya Rivera (Santana em *Glee*). Taxados como “improváveis”³¹ pelo fãs, esses três acontecimentos surpreenderam os *gleeks*, o que faz

³⁰ Com o falecimento do ator, os autores da série decidiram por encerrar a participação do personagem, Finn Hudson, também com a sua morte. Foi feito um episódio na quinta temporada (o terceiro) em homenagem a ele e foi um dos episódios que teve mais audiência na temporada. No enredo não foi revelada a causa do falecimento do personagem.

³¹ Os eventos são considerados “inesperados” por terem acontecido de maneira muito repentina. Heather Morris não mantinha seu relacionamento exposto à mídia. Quando revelou a gravidez foi uma surpresa para o *fandom*. O falecimento de Cory também aconteceu em uma situação imprevisível, além de ser jovem e estar no auge da carreira. Naya Rivera tinha recém-encerrado um relacionamento longo com cantor Big Sean quando anunciou

com que chame a atenção em postagens no grupo. Segundo Lana (2010), “quando rompe com o cotidiano, o acontecimento é inesperado” (p. 17) e “ao se reconectar a vida ordinária, existe uma lógica compartilhada que atende as expectativas previstas por aqueles que o experimentam” (p.17), no caso, os fãs. Assim, a publicação ganhou grande volume de curtidas. A figura 16 representa as postagens feitas com fotografias do ator. Muitas foram postadas ao longo de dia 13, mas também durante todo o mês. O apelo à imagem do ator como homenagem e lembrança afeta diretamente os fãs, gerando comentários como “Saudades do Grandão”, “Ai meu coração”, “Chorando”, e *emoticons* simbolizando tristeza.



FIGURA 15: Postagem no *Glee Brasil*

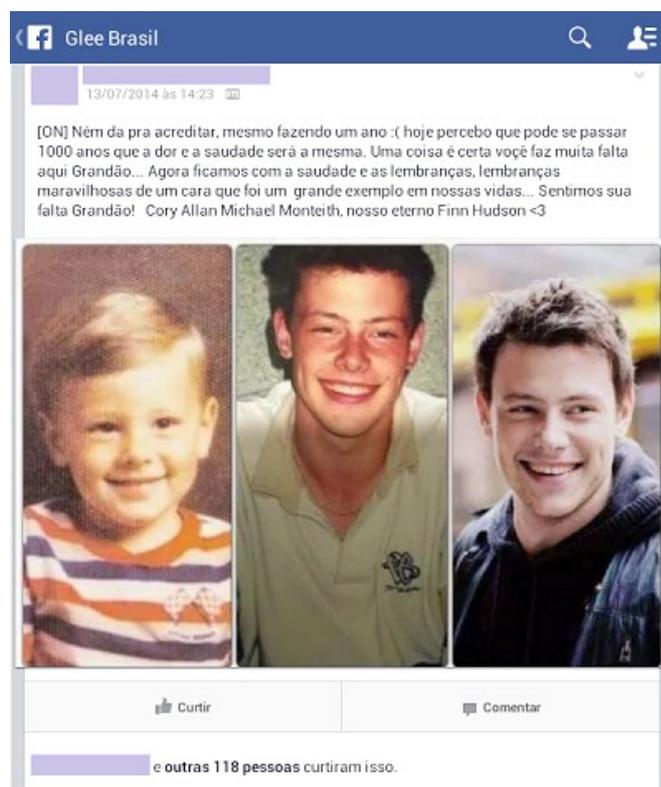


FIGURA 16: Postagem no *Glee Brasil*

Outro tipo de conteúdo que chama a atenção no grupo é o que envolve a atriz Lea Michele³² e o que relembra momentos do Cory. A figura 17 mostra uma postagem feita no dia do aniversário de falecimento, na qual está uma foto que foi postada originalmente por Lea

seu casamento com um antigo amigo, postando fotos do vestido de noiva e com seu marido.

³² É importante lembrar que a atriz e cantora Lea Michele era coprotagonista da série junto com Cory. Além de serem um casal no programa também namoravam na realidade. Isso faz com que postagens dela que envolvam o ator contenham uma carga emocional grande para os fãs. Outros membros do elenco da série também postaram em seus perfis das mesmas redes homenagens ao Cory e também foram recebidas com entusiasmo pelo *fandom*, mas a mais esperada era a de Lea, justamente por essa conexão entre os atores e os personagens.

Michele, nas suas contas do *Twitter* e do *Instagram*. O relacionamento entre os atores e o fato da atriz desempenhar um papel principal na série faz com que sua postagem chame atenção na publicação original e no grupo. Ou seja, a lembrança do ator e do que o envolvia promove entre os fãs a saudade e a tristeza de reviver esses momentos felizes e marcantes da vida dele. Já na figura 18 temos uma montagem com uma das últimas postagens de Cory em sua conta no *Twitter*. O ator era ligado ao público e muito ativo nas redes sociais em que estava, principalmente tuitando. Compartilhava momentos em família, com a namorada, Lea, e nos estúdios de gravação. Assim, este tuíte desperta, novamente, lembranças nos fãs. O conteúdo da mensagem, ainda que curta, é marcante uma vez que se refere diretamente ao público. A publicação no *Glee Brasil* teve destaque, que é perceptível no volume de curtidas.



FIGURA 17: Postagem no *Glee Brasil*



FIGURA 18: Postagem no *Glee Brasil*

Outro momento marcante sobre o falecimento do Cory é o episódio que foi feito dentro de *Glee* em sua homenagem, trabalhando também a morte do seu personagem. O episódio tem como título “*The Quarterback*” e foi o terceiro da quinta temporada, exibido originalmente em dez de outubro de 2013. Trouxe o elenco principal da primeira temporada com performances de músicas já cantadas na série e de novas canções, de acordo com a relação de cada personagem com o de Cory. Como este episódio é diretamente ligado ao ator,

um pedido recorrente dos membros do *Glee Brasil* era da exibição dele pelo canal da Fox no Brasil, como está representado na figura 19. Pelo volume de curtidas é perceptível a ligação que os fãs tem com este episódio. As performances apresentadas também marcaram a comunidade. Outro tipo de postagem que trazia a tona o “*The Quarterback*” novamente eram recortes das cenas e músicas presentes no episódio. Na figura 20 há um registro da performance da personagem de Lea Michele, Rachel, cantando a música “*Make You Feel My Love*”, da cantora Adele. Pelo relacionamento tanto das personagens quanto dos atores, é uma cena frequentemente lembrada e tratada como marcante e importante no episódio e no histórico de performances da série. Nota-se pela quantidade de curtidas que o *gleeks* também usam do episódio especial como forma de lembrar do ator e do personagem e fazê-lo presente no grupo.

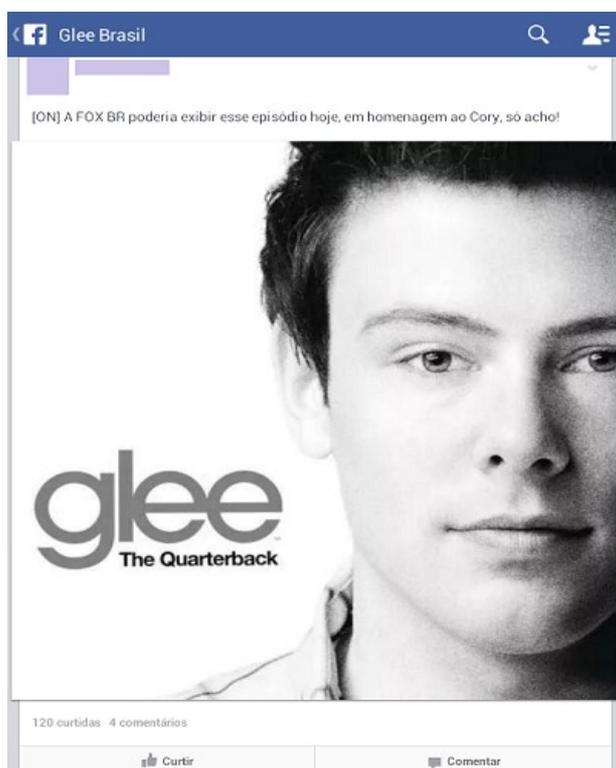


FIGURA 19: Postagem no *Glee Brasil*

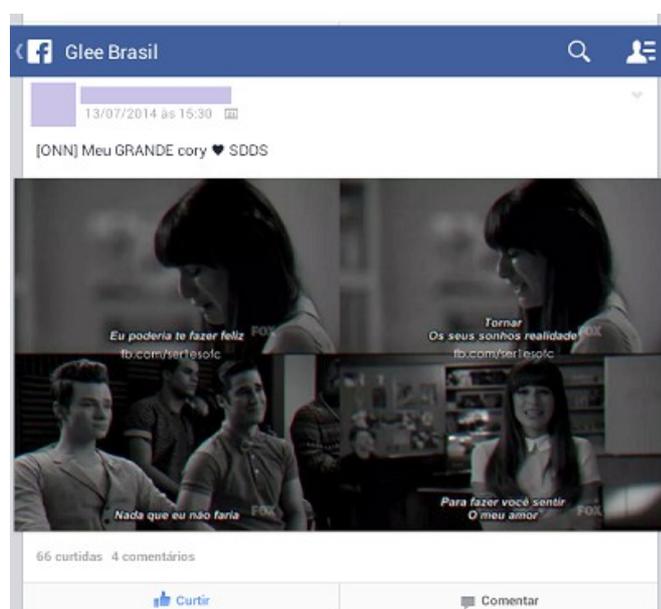


FIGURA 20: Postagem no *Glee Brasil*

Textualmente, as homenagens e os relatos com relação ao Cory também são significativas. Há postagens extensas no *Glee Brasil* e muito semelhantes. Dentre todas as registradas, selecionei esta para representar as demais, por concentrar a maioria dos dizeres recorrentes:

“Nem dá pra acreditar que uma das nossas estrelas se foi há um ano,

nos deixando tanta saudade, lembranças e tantos outros belos sentimentos que se misturaram em meio à sua perda. Ficamos órfãos duas vezes, pois não é fácil nos desfazermos assim de um ser humano e do seu trabalho, que era belamente desempenhado. Mesmo tendo conhecido seu trabalho apenas em *Glee*, buscamos conhecer tudo o que ele já tinha feito e vinha fazendo a cada vez mais nos surpreendíamos com seu talento, espontaneidade e carinho com os amigos, um gigante em tudo que fazia. **O olhar calmo e expressivo e seu sorriso eram a mais singela forma de transmitir as melhores coisas possíveis para todo mundo.** Fica difícil até imaginar quando ouvimos uma música no rádio e pensamos 'Como seria se ela tivesse uma versão cantada pelo Cory?', 'O que Finn diria para a Rachel numa hora dessas?'. Mas de uma coisa eu tenho certeza: **a estrela que é e sempre será Cory Monteith continuará brilhando fortemente, pois onde ele estiver, tudo o que ele nos mostrou será lembrado e perpetuado e nunca vamos esquecer o que esse querido canadense representava para todos nós, fãs, amigos, colegas de trabalho e família.** 1 ano de saudade, 1 ano sem o nosso grandão!"

Os trechos destacados mostram que a imagem do artista Cory Monteith se unia com a do rapaz comum, com “olhar calmo e expressivo” e de “sorriso singelo”. Ou seja, apesar de ser uma figura famosa, ainda construía a imagem de companheiro e amigo até daqueles que não o conheciam de fato (como os fãs, por exemplo). Outro porém é o que está implícito no texto: a causa do falecimento do ator. O trecho “a estrela que é e sempre será Cory Monteith continuará brilhando fortemente” mostra que a imagem que é lembrada pelos fãs é a ligada ao carácter simples dele, próximo dos fãs, amigos, colegas de trabalho e família.

O envolvimento do fã com o ator é marcante e mostra que o *fandom* sente falta não só do personagem, mas também da figura que o próprio Cory representava: um rapaz bom, porém com problemas. Há, então, uma contradição de valores: os que a sociedade dita como corretos e errados. Ou seja, o fato de ser um usuário de drogas é contrário à imagem de companheiro, correto, amigo, lembrada pelos fãs. Assim, a imagem dele perante o *fandom* permaneceu positiva, mesmo com as causas do seu falecimento.

Outra postagem que vale ser lembrada é a que traz em seu texto o discurso de um *gleek* que não era particularmente fã do ator:

“É hoje, 1 ano! Sou *Gleek* porém não sou fã do Cory, mas pude através de comentários sobre ele e de alguns *Montourages* (fãs do Cory) **o quanto ótima pessoa ele foi!** Ele também foi especial pra mim por ter feito parte dessa série tão perfeita que é *Glee*. Foi através do personagem Finn Hudson que ele mostrou muito mais o quanto ser humano bom ele foi. **Ele era um ser humano tão bom que ele ficava muito ocupado ajudando outras pessoas queridas e se esqueceu de cuidar de se mesmo, e agora ele está sendo uma pessoa maravilhosa no céu.** Falando do Kevin para o Michael Jackson, da

Naya pra Amy Winehouse, da Amber pra Whitney Houston. E nós aqui na Terra sentindo saudades dele e ainda admirando ele! A memória e o legado do Cory nunca será esquecido porque ele fez parte da vida de todos os *Gleeks* e dos *Montourages*. **Como esquecer algo que fez tanta diferença na nossa vida? Tenho orgulho em admirar esse ser humano tão bom que ele foi! Uma pena que ninguém aqui poderá conhecer ele de perto, fisicamente!** Eu, os *Gleeks* e os *Montourages* sempre quisemos ver ele de perto, junto com o elenco de *Glee*, mas **esse sonho foi destruído pelas drogas e bebidas malditas, que destroem tantas outras pessoas e famílias!** Sinceramente, fico triste pela morte dele, mas só os fãs dele, a Lea e a família dele sabem como é superar a perda do Cory! Ainda fico em choque me lembrando de quando soube da morte dele! Pegando meu celular 6h da manhã e me deparando com aquela notícia horrível! Realmente não tem como esquecer disso! Aposto que o Cory está num lugar melhor agora.”

Os trechos em destaque evidenciam que o envolvimento do ator com drogas não modificou o pensamento dos fãs com relação a ele. Fica claro, então, a negociação de valores: apesar de estar errado perante os preceitos do que é correto perante a sociedade, Cory recebe o status de herói para os fãs. Mesmo que sua conduta pessoal fosse contrária a esta imagem, para o *fandom* ele ainda é uma figura que fez diferença na vida deles: “Como esquecer algo que fez tanta diferença na nossa vida? Tenho orgulho em admirar esse ser humano tão bom que ele foi!”

É perceptível o envolvimento da comunidade *gleek* com o ator, seu falecimento e com sua participação na série. Novamente, mesmo que as causas de sua morte representem para os fãs negligência e um comportamento não condizente com a postura geral do ator, sua imagem de bom rapaz e os valores de respeito, amizade, companheirismo e família, valorizados pelo próprio ator e reconhecidos pelos fãs, não se perdem em virtude do seu falecimento. Até mesmo aqueles que não acompanhavam a carreira de Cory e não seus fãs propriamente mostram respeito pelo acontecido e reconhecem o seu valor na série e o que ele representava: um amigo.

2.2 Musiglee'k

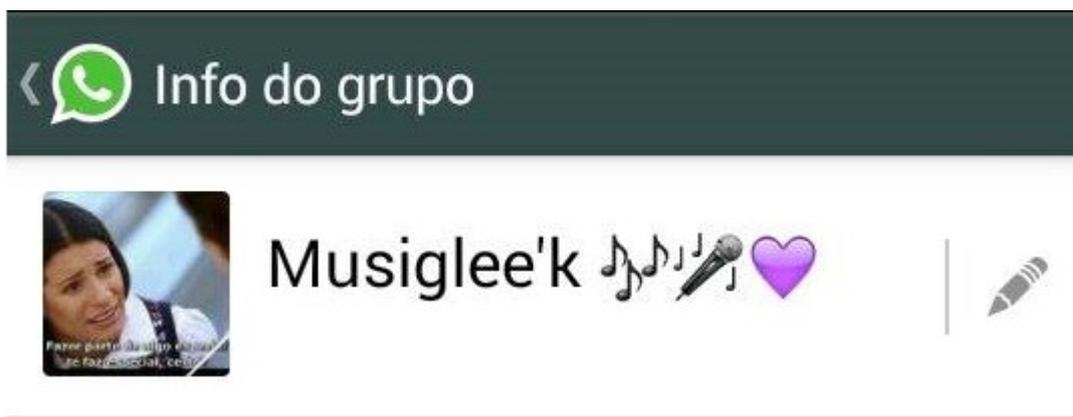


FIGURA 21: Ícone e título do *Musiglee'k*

No caso do *Musiglee'k*, Sebastian, criador do grupo, também queria reunir fãs da série, só que no *WhatsApp*. Ter um contato mais próximo com cada um dos integrantes, já que o grupo é involuntariamente reduzida já pela própria capacidade de aplicativo. Ele explicou, em entrevista, que antes de criar seu próprio grupo entrou em outro parecido para ver como as pessoas se comportavam e o que conversavam naquela plataforma, só então começou o seu. Segundo Sebastian, “pensei em criar o meu próprio grupo pra poder expandir ainda mais a minha rede de amizades e consequentemente acumular mais amigos fãs de *Glee*”. Segundo Jenkins (2009),

Os consumidores não apenas assistem aos meios de comunicação; eles também compartilham entre si ao que assiste – seja usando uma camiseta proclamando sua paixão por determinado produto, postando mensagens numa lista de discussão, recomendando um produto a um amigo ou criando uma paródia de uma comercial que circula da Internet. A expressão pode ser vista como um investimento na marca, e não simplesmente uma exposição a ela. (JENKINS, 2009, p.103)

No *Musiglee'k* as regras são estabelecidas pelo Sebastian mas também são monitoradas e sugeridas pelos membros mais antigos (o *old cast*). Presam principalmente pela cordialidade e respeito entre os integrantes e pela participação efetiva nas conversas cotidianas do grupo e nas brincadeiras desenvolvidas. Segundo texto passado pelo Sebastian aos demais membros, as regras são:

Vamos às regrinhas básicas para se tornar um *Musiglee'k* de sucesso:
1 – Não é permitido no grupo xingamentos de baixo calão, a não ser que seja na brincadeira. Caso isso ocorra, as pessoas envolvidas serão removidas do grupo, e só voltarão após algumas horas, já mais ‘calmos’.
2 – É preciso receber bem os novos membros que entram no

grupo periodicamente. Todos aqui já passaram por isso, e alguns de vocês sabem o quão ruim é ser rejeitado/ignorado ao entrar em um grupo novo. Não façam com os outros o que não gostariam que fizessem com vocês. 3 – Não assustem os novos membros, dizendo ‘cheguei aqui primeiro’, ‘estou aqui a mais tempo’, ‘sou mais importante que você’, coisas desse tipo serão banidas e o ‘infrator’ será removido do grupo por um determinado tempo. 4 – O integrante que não falarem nada no grupo, ou seja, que forem inativos por no máximo três dias, serão removidos do mesmo para dar a vaga a um novo membro. Só serão aceitos casos previamente avisados, como por exemplo uma viagem que o integrante irá fazer por quatro dias e ficará sem internet. Mas repito, tem que avisar antes. 5 – O integrante que não participar de nenhuma atividade do grupo também será removido, já que a proposta do mesmo é a interação entre os membros.

É perceptível pelas regras que o princípio no qual o grupo se fundamenta é a interação. Com a devida cordialidade própria de uma convivência real, os membros devem se relacionar, criar conexões e permanecer trocando informações em grupo. Segundo o administrador do grupo, o importante é conhecer novas pessoas que gostem de *Glee*, e, a partir deste ponto em comum, desenvolver conversas, sejam em grupo, sejam paralelas. Interagir é o objetivo de criação de Sebastian. Este é o aspecto que faz com o que o *Musiglee'k* funcione e com que seja possível as análises provenientes dele.

2.2.1 O que é importante no *Musiglee'k*?

Para conseguir definir e compreender os valores que envolvem os fãs e a série, além de observar e destacar o que de mais significantes emergiu no *Glee Brasil*, a aproximação com um subgrupo foi fundamental. Estar inserida não só neste grupo do Facebook mas também em uma comunidade menor fez com que o contato com cada integrantes fosse mais próximo e íntimo, podendo analisar o comportamento individual e em grupo deste fãs que se uniram por conta da série. Segundo Primo (2007),

Uma rede social online não se forma pela simples conexão de terminais. Trata-se de um processo emergente que mantém sua existência através de interações entre os envolvidos. (...) Uma rede social não pode ser explicada isolando-se suas partes ou por suas condições iniciais. Tampouco pode sua evolução ser prevista com exatidão. Os recursos e produtos desse tipo de rede são incorporados, gerados, transformados e movimentados através de ações intencionais ou não dos participantes. (PRIMO, 2007, p. 7-8)

O que uni inicialmente os membros do *Musiglee'k* é o fato de serem fãs de *Glee*, assim como é o princípio do *Glee Brasil*. Desta forma, todos eles tem uma conexão com a série que

os reuniu neste grupo do *WhatsApp*. Mais que um entretenimento, o programa também trouxe significados, valores e formações de opiniões específicas para os fãs. A partir da observação do grupo e das entrevistas privadas feitas com os integrantes selecionados é possível afirmar que a série é mais que um produto cultural a ser consumido como entretenimento, também motiva, incentiva e reafirma opiniões a respeito das temáticas desenvolvidas no show.

Durante as conversas há discussões sobre vários assuntos, desde o programa que está passando na TV no momento da conversa até política. Para a avaliação dos valores que emergem, destaco, com base na observação constante, amizade (dentro e fora do grupo), amor e orientação sexual, e família como os assuntos mais discutidos na conversa coletiva e os que mais revelam as opiniões e posicionamentos dos membros. A respeito destes tópicos, estabeleci paralelos com as entrevistas individuais. Quando perguntados sobre “o que a série acrescentou na sua vida” e “o que você aprendeu com ela” as respostas refletiram o comportamento deles em grupo:

A série me ensinou muita coisa, na verdade. **A não julgar alguém só pela sua aparência ou pela imagem que você tem dessa pessoa, a não desistir de algo que eu realmente queira, a ser quem eu sou sempre, etc.** Mas acho que algo muito importante foram as amizades que conquistei. Amigos que hoje tenho pessoalmente e também virtualmente, até por causa do *Musiglee'k*, devo a *Glee* e ao amor que tenho pela série. – Cassandra, 16 anos

Graças a *Glee*, **eu aprendi a me aceitar como sou de fato**, sem me importar e me deixar levar pela opinião alheia, a seguir meus sonhos não importa o quão grande ou difíceis eles sejam, se eu os seguir com "amor e dedicação", posso alcançá-los. Passa valores como a lealdade, como acreditar em seus sonhos, correr atrás de seus objetivos, ser você mesmo agradando ou não. Resumindo, ***Glee* me tornou alguém melhor**, a ponto de finalmente conseguir me identificar perante a uma sociedade que tanto rotula, e ainda assim, me sentir bem com isso – Becky, 18 anos

Glee representa muito **o valor da amizade verdadeira** e eu acho que isso é importante. **Ensina a dar mais valor pras pessoas, não ligar como você é pela sua aparência. Você é especial do jeito que você é.** – Kitty, 16 anos

Cassandra, Becky e Kitty ressaltam o fato de a série ultrapassar a barreira da imagem exterior e do prejulgamento por conta da aparência. A aceitação de si mesmo também pregada pela série e se reflete nos fãs. Tomam para a própria vida ensinamentos e condutas pessoais que funcionam para os personagens, conseguindo aplicar na própria vida. A amizade é outro valor em destaque. Na série, o clube reúne pessoas que não pertenceriam do mesmo círculo

social, o que faz com eles se aproximem e tornem-se amigos. Ou seja, a conexão entre pessoas, independente de como ou quem são, é incentivada pela série e adotada pelos fãs.

A série passa pra mim, e para qualquer outro bom entendedor, o bom senso da vida, como ser uma boa pessoa, companheirismo, diversidade (principalmente). **Nos passa como aceitar os outros, independente da sexualidade, etnia, conceitos. Passa também o espírito de equipe, na verdade, de família,** o jeito como os personagens são amigos e ajudam-se é encantador. Fora o modo como eles se expressam através da música. Enfim, os valores que a série passa, são imensos e importantíssimos pra vida real – Jake, 17 anos

A série bem ou mal é bem ampla e diversificada. Não que minha vida se baseie nela, mas acho que os **valores dados à família, amigos e principalmente a diferença entre as pessoas** é algo que eu aprendi boa parte com o seriado. Ele [*Glee*] é ótimo por causa disso, nos faz ver as coisas de todos os ângulos. – Lord Tubbington, 20 anos

Valores sociais também são destacados pelo grupo. Família, preconceito, aceitação do outro são ressaltados. *Glee* apresenta em seu enredo diversas situações sociais, envolvendo aspectos que estão presentes na vida cotidiana de muitos dos fãs. Ou seja, eles se veem representados naquelas histórias, utilizando dos desfechos como exemplo para seguir. Assim, é perceptível nos trechos destacados que os fãs aprendem a compreender e valorizar tais valores e ultrapassar as barreiras impostas pelas dificuldades sociais que os envolvam.

A série me ajudou acho que principalmente a **'entender' mais as pessoas**. Parar, analisar e não fazer um pré julgamento antes de conhecer os verdadeiros motivos que levaram alguém a fazer algo ou a ser de determinada maneira. Com isso também me ajudou a apreciar e respeitar os menores momentos, as coisas mais simples e que geralmente passam despercebidas, como uma simples música, ou uma conversa qualquer com um amigo. Isso com certeza **me desenvolveu bastante como pessoa**. – Sebastian, 18 anos

Glee é, então, enxergada como uma ajuda na compreensão da situação social em que o fã está inserido. “Entender' mais as pessoas” é um exemplo de que a série faz com que o fã tenha mais tolerância ao diferente e busque ultrapassar a barreira do superficial. Ou seja, os fãs constroem a ideia de que o outro pode ser mais do que aparenta ser e de que vale a pena conhecer, de fato, as pessoas com as quais convive. O *fandom* considera, então, que, por apresentar e fomentar os valores aqui destacados os “melhoram” como pessoa.

É perceptível por essas respostas que *Glee* acrescenta na vida desses fãs conceitos básicos e fundamentais na vida moderna. Lidar com a diversidade de sexual, problemas em

família, amizades e amores, assim como é discutido nas temáticas desenvolvidas na série. Ou seja, os fãs conseguem enxergar situações da própria vida no programa e assim aplicar os valores nele discutido à sua realidade. Superação e inspiração também são pontos importantes que se fixam nos *gleeks*. A série tem como pilares esses aspectos e desenvolve suas histórias mostrando o desenrolar dos personagens fazendo com os fãs se espelhem no enredo e motivem suas próprias vidas. Pode-se afirmar, então, que estas pessoas, que assistem ao programa desenvolvem noções de respeito, convivência, consciência sobre o outro e autoconfiança, que são refletidas nas conversas em grupo.

Além de conversas sobre diversidades, assuntos particulares também são expostos no *Musiglee'k*. Como se fosse um espaço livre de julgamentos e com companhias confiáveis, eles compartilham acontecimentos da vida cotidiana. Assim, outro valor que é desenvolvido e revelado no grupo é o companheirismo. Mesmo que o contato entre essas pessoas seja mediado pela internet, elas conseguem se conectar e construir um sentimento que é constantemente exaltado pelo seriado.

2.2.2 Mais que fãs, amigos virtuais: as relações entre os membros dos grupos

O *Musiglee'k* é um exemplo dos laços sociais³³ que o meio online pode criar. Por ultrapassar barreiras físicas e tornar irrelevante a distância entre os indivíduos, a web facilita o contato entre as pessoas e o ambiente virtual passou a ser utilizado como ponto para encontrá-las em qualquer parte do mundo, fazendo da internet um grande espaço de socialização o qual usuários se agregam em torno dos mais diversos interesses (PRIMO, 2009). Essa socialização, no caso do grupo, é estabelecida por laços fortes, já que são mantidos com base em contato íntimo, próximo e constante (RECUERO, 2008). Sebastian conta que esse sempre foi seu objetivo: criar vínculos com outras pessoas, por intermédio da série. Segundo ele, “as pessoas (a maioria pelo menos) entraram no grupo com a mesma intenção que eu: a de criar novas amizades, independentemente de raça, sexo, religião, localização e etc. Realmente consegui criar uma afinidade boa com todos que estão e que já passaram por lá e isso é incrível” (sic).

O contato próximo entre os membros faz com eles criem o hábito da convivência

³³ Recuero (2008) trabalha a ideia de que o conceito de Laço Social passa pela ideia de interação social, sendo denominado laço relacional, em contraposição ao laço associativo, aquele relacionado unicamente ao pertence (a algum lugar, por exemplo). Podem ser fracos ou fortes: fracos quando as trocas de informações são rasas e fortes quando a proximidade e intimidade entre os indivíduos que compõem o laço.

online. Diferente de um grupo com grande quantidade de integrantes, como *Glee Brasil* por exemplo, no *Musiglee'k* os assuntos discutidos não são necessariamente ligados a série. Surgem tópicos cotidianos, como os de uma conversa entre amigos: “como foi seu dia?”, “o que está fazendo agora?”, “sabe aquele amigo/acontecimento que comentei outro dia?”, “conseguiu resolver aquele problema?”.

A interação social é caracterizada não apenas pelas mensagens trocadas (o conteúdo) e pelos interagentes que se encontram em um dado contexto (geográfico, social, político, temporal) mas também pelos relacionamentos que existem entre eles. (...) É preciso atentar para o “entre”: o relacionamento. Trata-se de uma construção coletiva, inventada pelos interagentes durante o processo, que não pode ser manipulada nem pré-determinada. (PRIMO, 2007, p. 11)

Os membros que estão há mais tempo no grupo ou que conseguiram estabelecer contato mais próximo com outros³⁴ se tratam como se fossem amigos há tempos ou até como melhores que os reais. O administrador do grupo se orgulha em contar o que sente em relação ao que criou a partir do *Musiglee'k*: “Hoje, com quase seis meses de grupo³⁵, 'convivendo' com essas pessoas diariamente, elas passaram a representar muito pra mim. O fato de eu ser administrador do grupo, de ter 'unido' muitas delas, ver elas interagindo entre si, criando novas amizades a partir de um grupo que eu criei com certeza é muito satisfatório. Não consigo mais me imaginar sem ser amigo de muitos deles, até mesmo fora do grupo se por ventura ele vir a acabar. É uma amizade/afinidade que vai além” (sic).

Alguns aspectos impediriam que estes indivíduos se relacionassem em condições diferentes de contato. A primeira dela é a localização geográfica de cada um deles. Dentre os entrevistados há pessoas residentes nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Alagoas, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte. Ou seja, fisicamente seria improvável que tais pessoas se conhecessem somente por um encontro ao vivo. O contato online entre eles mostra que a falta da presença física não é uma limitação para a aproximação das pessoas. Pelo contrário, alguns dos membros entrevistados afirmam que amizades virtuais são mais “verdadeiras” e “duradouras” que as reais porque, segundo eles, a internet permite que “você seja você mesmo, sem julgamentos”. Segundo Recuero (2009), a conversação mediada (no caso, pelo *WhatsApp*) proporciona este distanciamento físico mas, muitas vezes (como o *Musiglee'k*), acaba funcionando como um tipo de

³⁴ As causas para aproximação dos membros são diversas. Entre as principais estão interesses em comum (artistas, estilos musicais, outras séries e demais produtos culturais) e proximidade de cidades.

³⁵ A entrevista com Sebastian foi realizada em setembro de 2014.

comunicação semelhante à face-a-face. Uma vez que o contato entre os membros é cotidiano, os laços são fortes e intensificados cada vez mais, a internet funciona como aliada na eliminação de distâncias geográficas, transformando a web em um território comum, independente de onde as pessoas realmente residem.

Outro aspecto ressaltado pelos integrantes do grupo é a inicial incompatibilidade de assuntos em comum. Quando perguntados se possivelmente conversariam, mesmo que online, com os membros do *Musiglee'k* em uma situação espontânea, ou seja, sem um fator comum explícito (ao contrário da proposta do grupo) as respostas levaram a análise de que se não fosse pelo consumo de um mesmo produto cultural (*Glee*) não se conheceriam. Durante as entrevistas, o afeto com outros membros ficou claro e em alguns momentos os próprios entrevistados agradeciam à série por ter “apresentado” a eles as pessoas com as quais criaram laços:

Ao começar a assistir a série, me aproximei de pessoas que nem imaginaria ter me aproximado e que hoje são meus amigos. **A amizade começou por causa desse assunto em comum.** Meio clichê dizer isso mas é verdade. Antes de entrar no grupo, eu não tinha muitas amizades virtuais. Na verdade eu conversava com algumas pessoas mas nada sério. Depois que entrei, passei a conhecer reais amizades virtuais. Todos os participantes que já saíram ou que ainda estão no grupo foram ou são importantes de alguma forma. Me apeguei à maioria das pessoas e não me arrependo de ter conhecido o *Musiglee'k* nem por um segundo. **Acho que se não fosse pela série não teria conhecido o grupo, pois não me interessaria pela mesma. Então, não as teria conhecido. Também por isso sou grata a *Glee* e a tudo que trouxe na minha vida.** – Cassandra, Santos (SP)

Nunca conheceria essas pessoas! E sobre isso ocorreu um caso comigo, uma garota que eu conhecia apenas pelo twitter do *fandom* de *Glee*, gostava também da banda Paramore. Fui para o show de SP, por não ter comprado a tempo não consegui a entrada vip e ela me deu de presente! **OBRIGADA, GLEE!** O que me faz permanecer no grupo são as pessoas que estão nele, do *old cast*. – Sugar, Mossoró (RN)

Tratar os integrantes como amigos, até como família, como acontece constantemente nas conversas em grupo, faz com o conceito de amizade virtual seja questionado também. Primo (2007) coloca em questão a trivialização da “amizade” pelo meio online. Segundo o autor, compartilhar dados em uma rede social ou aplicativo online, como o Facebook ou *WhatsApp* no caso, ou seja, a apresentação pública de seu perfil, não faz com que haja “um relacionamento íntimo real entre o 'eu' e os 'outros’” (PRIMO, 2007, p. 13). A quantidade

reduzida de pessoas se relacionando em grupo do *WhatsApp* faz com eles se reconheçam, gravem nomes e características, o que os condiciona, segundo eles mesmos, a uma aproximação real. Para discutir esse conceito, os questionei sobre “amizade virtual” e as respostas apontaram análises que confirmam o que Primo afirma. Porém, revela que o contato pela internet através das redes sociais ou aplicativos são só o primeiro contato com aquelas outras pessoas. Os relacionamentos se aprofundam com o passar da convivência virtual e se consolidam como amizades “reais”, partindo do ponto de que o contato face-a-face concretiza de maneira mais forte um relacionamento. De acordo com as respostas, há sim um receio quanto a relações virtuais porém é rompido com o passar do tempo e do compartilhamento de informações:

Amizades virtuais, apesar de perigosas, sabendo escolhê-las são perfeitas. Amigos são a família que podemos escolher, então somos amigos apenas de quem queremos, isso torna os amigos virtuais tão bons ou até melhores que os que conhecemos pessoalmente. Representam muito mesmo pra mim. E o que realmente me faz amar o grupo são as pessoas, as amizades que construí, eles são perfeitos, amo todos. São muito importantes pra mim, pude perceber isso quando passei três semanas afastado e quase morri de saudades. – Jake, João Pessoa (PB)

Há a consciência de que o envolvimento virtual tem suas limitações e até perigos. Porém, estes problemas são superados, se não ignorados, em detrimento dos benefícios conquistados. A facilidade de contato e o fato de encontrar características em comum por meio das redes sócias fazem com que os membros confiem e procurem na internet novas amizades.

Amizade pra mim é amizade. Acho que algumas são mais verdadeiras que a amizade "real", são amigos que vão estar para você sempre quando precisar, que parecem que te conhecem há anos, que te ajudam, te fazem rir e que te amam incondicionalmente, mesmo sem te "conhecer". Os amigos que eu não conheço ainda pessoalmente são muito especiais pra mim, eu nunca esquecerei o que cada um fez por mim e espero um dia visitar todos. – Jesse, Santos (SP)

Encontramos nas amizades virtuais aquilo que procuramos ao nosso redor e não achamos. Apoio um projeto de lei que todos tenham direito a uma viagem ao ano para conhecer um amigo virtual! (risos) – Sugar, Mossoró (RN)

Acho [a amizade virtual] uma coisa maravilhosa! **Conheci virtualmente pessoas que são de extrema importância para mim, que considero uma família.** – Holly, Garibaldi (RS)

Elas [as pessoas que conheceu pela internet] são as melhores pessoas possíveis. Não ligo para o que a minha família fala que “amizadezinha” de internet não dura. Mas eles me apoiam em certas decisões, me dão conselhos e eles são muito melhores do que várias “amiguinhas” minhas! **Prefiro mil vezes os virtuais do que os “ao vivo”.** – Kitty, Niterói (RJ)

Os trechos desatacados nos comentários acima revelam o valor dado às amizades virtuais, mesmo em comparação com as que tem o contato físico como premissa. A “proteção” da distância geográfica e a liberdade que a web oferece permitem que os amigos virtuais sintam-se mais à vontade entre si. O fato de não poder estar na presença física não é um limitador para “conhecer” pessoas. Pelo contrário, facilita o contato justamente pelas praticidades que a internet oferece, como a possibilidade de criar conexões com indivíduos com que seriam improvável o encontro pessoal.

Agora eu valorizo demais as amizades virtuais, e acho que funciona sim. **Mesmo à distância, acaba-se criando um vínculo, até porque as tecnologias atuais possibilitam isso.** Uma amizade virtual é diferente de uma amizade comum. Por isso é interessante o modo como uma amizade virtual pode se tornar tão importante quanto uma comum. Sou muito grata aos amigos virtuais que tenho atualmente. – Cassandra, Santos (SP)

Acho que meus melhores amigos nesse momento são virtuais. **E acho horrível porque muitas vezes acabo ficando triste e não posso nem ao menos dar um abraço em muitas das pessoas que eu gostaria.** Mas [amizades virtuais] são possíveis! Confio mais em alguns deles do que nos que tenho aqui. – Lord Tubbington, Canoas (RS)

A dualidade acerca da web é bem pontuada e defendida por meio dos comentários de Cassandra e Lord Tubbington. Entre a web afastar as pessoas, uma vez que as priva do contato físico, e reduzir distâncias, já que consegue conectar indivíduos em localidades geográficas que impossibilitam o encontro face-a-face, pode-se afirmar, então, que em suma aproxima os membros de uma rede. O aspecto negativo é a criação do laço forte e o fato de não poder ter o contato físico. Ou seja, a amizade na internet segue o caminho inverso das experimentadas offline: primeiro acontece a conexão entre os indivíduos e depois surge a vontade do encontro real. As tecnologias, então, são facilitadoras e permitem que pessoas que provavelmente não se conheceriam, criem laços e os perpetuem.

Na atual situação em que vivemos onde tudo gira em torno de redes sociais, amizades virtuais são inevitáveis. E quando se é jovem isso se intensifica ainda mais, o que é super normal, já que nessa fase o 'gás' pra conhecer gente nova, criar novos amigos ainda que sem os conhecer pessoalmente é bem maior que em outras fases da vida. Além de natural, na minha opinião, são necessárias também. Assim, pode se sair da mesma rede de pessoas em que estamos inseridos desde criança, conhecendo novas culturas e até mesmo novos lugares quando a amizade se fortifica e ultrapassa a tela do computador/celular. **O fato de expandir novos horizontes através de uma amizade nova, sem dúvidas é magnífico e engrandecedor.** – Sebastian, Perobal (PR)

A “expansão de horizontes” citada no comentário acima revela a capacidade da internet interligar pessoas por meio da sua rede grandiosa. Com a vontade dos usuários da rede de se conectar a outros, estabelecer pontos em comum e abrir possibilidades para conhecer o que não está próximo, conseguir efetivá-la “sem dúvidas é magnífico e engrandecedor”, como afirma Sebastian.

Os laços criados entre ele se expandem e intensificam, a ponto de alguns até terem se encontrado pessoalmente. A reunião dessas pessoas por meio de um produto cultural comum fez com que compartilhassem conteúdos sobre a série mas também de suas vidas, sendo *Glee* a ponte para novas conexões entre os fãs.

A forma como os membros conheceram o *Musiglee'k* também revela o caráter conector de um produto cultural. Sebastian conta que assim que fez a publicação no *Glee Brasil* contando da criação do grupo apareceram muitos interessados: “Criei o *Musiglee'k* (que quase foi '*Songlee'k*'), postei no *Glee Brasil* que havia criado um grupo novo, onde teriam desafios, e coisas relacionadas a música. Logo choveu de comentários de pessoas pedindo para entrar. Algumas dessas pessoas estão no grupo até hoje”. Os entrevistados contaram como conheceram o grupo e o que o fez querer entrar e permanecer. Analisando as respostas e o comportamento do *Musiglee'k* é possível afirmar que o entrosamento entre os membros, seja por conta das brincadeiras que acontecem com frequência seja pela consolidação do grupo, é o que faz com que os que ali estão não queiram sair.

Apesar da exaltação da amizade, do tratamento familiar entre os integrantes do *Musiglee'k*, também há conflitos. Convivendo, mesmo que online, surgem assuntos controversos, uma vez que os membros não conversam somente sobre a série, o que gera opiniões divergentes. Porém, pela observação do grupo, o fator que fomenta as maiores

movimentações com relação a conflito é a entrada de novos membros. Mesmo com o princípio de conhecer novas pessoas, construir novas amizades, expandir a quantidade de amigos *gleeks*, a interferência de novas pessoa no grupo que já está sedimentado atrapalha a dinâmica interna. Com discursos como “nós já somos uma família”, “tenho ciúmes de novas pessoas no grupo”, “eles não entendem como funcionamos e acabam atrapalhando”, os membros antigos tem a tendência a não aceitar novas pessoas na dinâmica. A entrada de membros não é frequente, pois os que já pertencem ao *Musiglee'k* não saem, não dando lugar a novos integrantes. É o que explica a falta de interesse em novas pessoas constantemente. O grupo é unido e não se fragmenta, portanto se consolidam da forma como estão. Novos membros são aceitos e englobados na dinâmica aos poucos, desde que demonstrem interesse em conhecê-los. Com base na minha própria entrada no grupo é possível afirmar que é confusa, por eles já se conhecerem e terem seu comportamento específico. Porém, da mesma forma como me adaptei à dinâmica, outros membros também o fizeram e conseguem construir os laços, demonstrar a vontade de permanecer no *Musiglee'k* e até se orgulhar de pertencer a ele.

A facilidade proporcionada pela internet para socializar com pessoas geograficamente distantes faz com que as pessoas procurem por outras nas redes sociais e em aplicativos online (PRIMO, 2007 e RECUERO, 2008). Além disso, querer compartilhar interesses em comum também atrai os usuários de tais redes. Tratando-se de um produto cultural que desperta preconceito em outros seriadores e em leigos, encontrar quem possa dividir o mesmo apresso por ele é transformado em algo prático e em um vínculo forte entre os mesmos. Em uma conversa em grupo, Sebastian comentou o quão importante o grupo é para ele, o que sintetiza um sentimento comum aos membros: “Mas tudo se resume em uma só palavra... Ou em várias, na verdade: eu amo vocês pra c*****! Criar esse grupo foi a melhor decisão que eu tive, ele literalmente mudou a minha vida! Muito obrigado por tudo, cada um aqui tem um significado muito especial pra mim! Sério!”

Considerações Finais

Em uma pesquisa etnográfica virtual vários aspectos da cultura na qual o pesquisador está inserido são revelados e se mostram importantes para a compreensão da sua dinâmica. Desta forma, com a possibilidade de observar, reconhecer e destacar vários pontos, alguns revelados pelo trabalho levam às conclusões e às aberturas de discussões que serão destacadas nestas considerações.

O primeiro aspecto a ser destacado é fidelidade dos fãs com o produto cultural de sua admiração. As postagens com mais respostas e relevância no *Glee Brasil* revelaram que o público não está satisfeito com o progresso da série. *Glee* se encaminha para a sexta e última temporada e perde cada vez mais índices de audiência. Porém, os fãs ainda continuam acompanhando o programa e provavelmente permanecerão nos grupos, mesmo com término da série. A criação de laços entre eles mesmo e com série (e tudo que a cerca) se revelam mais fortes que o declínio da qualidade do show e faz com que os fãs prossigam perpetuando o *fandom*. Em contrapartida, as postagens no grupo mostram a saudade com relação às três primeiras temporadas, tanto pelo enredo que era desenvolvido quanto pelo elenco presente. Ou seja, os fãs desenvolvem vínculos afetivos com o produto cultural e os mantêm independente do seu andamento ou fim.

Pela fidelidade ao produto, no caso a *Glee*, os fãs superam problemas que surgem dentro da própria dinâmica do programa e de todos os fatores que o cercam. Fatores estes ligados à vida privada do elenco, por exemplo. O acontecimento que foi trabalhado na pesquisa ilustra essa negociação de valores que acontece entre os fãs e a série. O falecimento do ator Cory Monteith por causas consideradas erradas pela sociedade poderia ter abalado o que o *fandom* avalia como correto, bom e condizente. Porém, em função da relação construída entre os fãs, o ator e seu personagem, a negociação de valores acontece relevando sua morte por overdose em detrimento do sentimento de amizade, amor, carinho e saudade criado com Cory. Assim, a conexão entre os *gleeks* e o programa supera valores e significados promovidos pelo senso comum.

Há também a influência direta que produto cultural exerce na vida de seus consumidores. Os fãs absorvem conselhos e ensinamentos mostrados no programa e acabam por espelhar suas experiências pessoais no que acontece na série. Essa conclusão foi tirada pelos depoimentos dos membros do *Musiglee'k*. Durante a observação das conversas em

grupo e nas entrevistas individuais, discursos como “depois que vi *Glee* mudei” revelam o poder que o programa tem de influenciar e determinar (ou pelo menos apoiar ou reforçar) o comportamento particular dos fãs. Pelo conteúdo da série se aproximar do cotidiano dos jovens e do que planejam para o futuro, os fãs (que, em sua maioria, estão na faixa etária reproduzida no programa) se sentem representados e compreendidos, assim conseguem tomar pra si os desfechos das histórias e as lições morais e éticas apresentadas.

Observando ambos os grupos é possível afirmar que ter um produto cultural de gosto comum deixa de ser somente uma característica semelhante para ser um pretexto para a conexão entre pessoas virtualmente. Mais que compartilhar informações sobre a série, no caso, os fãs começam a procurar dentro do *fandom* por contatos mais próximos e até íntimos. Os laços superficiais (fracos) se transformam em fortes, transcendendo as redes sociais. O que foi observado na pesquisa é que o Facebook já não apresenta a característica de conectar indivíduos de maneira mais profunda, ou seja, mais intimista. Os laços ali criados não mostram força para ultrapassar as barreiras do *fandom*. Em outras palavras, o vínculo entre os membros de um grupo permanecem somente na dimensão de ser uma rede de compartilhamento de informações sobre um produto cultural. Porém, no aplicativo *WhatsApp* a situação se apresenta de maneira diferente. Em contato com o *Musiglee'k* foi possível notar que a relação entre os membros ultrapassa os limites de ser fã de *Glee* indo para a dimensão de amigos, e até família. O gosto pela série é somente o ponto de partida para o contato desses indivíduos, que acabam por descobrir outros aspectos em comum, fazendo com o laço se fortaleça. Tal fortalecimento alcança níveis de intimidade que não foram observados no *Glee Brasil*. O objetivo do grupo do Facebook de encontrar pessoas que tenham o mesmo apreço pela série é concretizado com sucesso constantemente, porém serve somente como pretexto para a intensificação das conexões ali feitas. Assim, o Facebook não tem a mesma capacidade de fortalecer laços sociais virtuais em comparação com o *WhatsApp*.

A diminuição, e até eliminação, de distâncias também faz do contato pela internet uma facilidade para este fãs. O fato de não encontrar com que compartilhar sua admiração pelo produto cultural em questão faz com que procurem por outros fãs na rede, justamente pela facilidade de acesso. Porém o processo de fortalecimento de laços criados se revela mais do que ter alguém para dividir o carinho pela série. As relações online começam a adquirir características de conexões offline, com a possibilidade de até substituir o contato “ao vivo”. A possibilidade de poder revelar ao outro somente o que deseja que seja atribuído ao seu

perfil garante ao usuário da rede (ou do aplicativo) a segurança do distanciamento físico e conseguir se conectar com outras pessoas que também apresentem as mesmas características. A dualidade entre eliminar a distância e, ao mesmo tempo, garantir a proteção da localização geográfica mostra que a web interfere na vida dos seus usuários a ponto de que fiquem satisfeitos com uma mesma característica que atue em pontos diferentes: aproximar e garantir a blindagem do contato não-físico, no sentido do usuário ter controle do que é revelado ao outro.

Com base na convivência com o *Musiglee'k* é possível afirmar que os vínculos virtuais já ocupam um espaço grande e quase majoritário na vida dos membros. O caráter de família que atribuído pelos mesmos aos outros integrantes do grupo mostra que as relações virtuais estão se fortalecendo em um ritmo consideravelmente rápido. Ou seja, da maneira como as relações sociais virtuais estão se desenvolvendo e consolidando já estão se legitimando como formas verdadeiras de conexões entre as pessoas. Os laços criados no meio online conseguem se apresentar de maneira estável e forte, elevando as relações virtuais a um parâmetro de convivência e de características próximo ao das offline. Os usuários da rede transportam para o virtual o que não conseguem projetar nas relações “reais”. A internet possibilita, então, a conexão entre indivíduos que provavelmente não se conheceriam se o contato fosse físico, pela diminuição de distâncias, pelo compartilhamento de conteúdos de interesse comum e pelo refúgio encontrado no “anonimato” que pode ser mantido na web.

As segmentações dos *fandoms* em grupos, seja no Facebook (ou em outra rede social) seja em aplicativos multifuncionais, mostra que os fãs já não se unem somente pelo gosto pelo produto cultural. Os valores, significados atribuídos, pensamentos, desejos e demais características que possam se revelar comuns a um grupo de pessoas (fãs) os reúnem, transformando o compartilhamento de informações sobre a série (ou seja qual for o produto de admiração) em uma partilha de sentimentos. Assim, pelo que foi observado nos grupos, principalmente no *Musiglee'k*, as comunidades de fãs começam a se modificar e acrescentar às suas características a de comunidade de sentido. Tal característica consegue até superar o de ser um agrupamento de fãs de determinado objeto cultural.

Para conseguir perceber, compreender e analisar todos os pontos revelados e questões levantadas o processo de obtenção das informações foi de grande diferencial. A etnografia virtual ainda é questionada e colocada em julgamento dentre as práticas metodológicas acadêmicas. Todo o desenvolvimento da pesquisa foi realizado virtualmente e conseguiu obter

sucesso quanto a conquista de informações, análise comportamental e de resultados. A convivência virtual revela novos aspectos da sociedade atual uma vez que está cada vez mais intrínseca ao meio online. Desta forma, a prática etnográfica virtual merece ser mais explorada e até incentivada na academia.

O desenvolvimento do trabalho foi longo, profundo e permitiu que vários aspectos, características e tópicos importantes fosse revelados. A limitação de tempo, espaço e da proposta do mesmo fizeram com que muitos pontos interessantes fossem deixados à margem em função dos objetivos previamente delimitados. Desta forma, ainda há possibilidades de estudo e aprofundamento de questões reveladas. Os fãs são uma parcela da sociedade que cada vez mais conquista espaço e se mostra importante no contexto cultural. Suas manifestações, seu comportamento e os desdobramentos oriundos do fato de ser fã de algo já interferem nas dinâmicas em rede e na formação de novos agrupamentos, o que merece ser observado tanto pela indústria comercial do entretenimento quanto pelos estudiosos acadêmicos da área.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Adriana. **Autonetnografia e inserção online** – O papel do “pesquisador-insider” nas práticas. XVII Encontro da Compós, UNIP, São Paulo, SP, 2008.

_____. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **Revista USP**, n.86. São Paulo, 2010.

BARABÁSI, Albert-László. **Linked: a nova ciência dos networks** – Como tudo está conectado a tudo e o que isso significa para os negócios, relações sociais e ciências. São Paulo: Leopardo, 2012.

CAMPANELLA, Bruno Roberto. **Perspectivas do Cotidiano: um estudo sobre os fãs do programa Big Brother Brasil**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – 2010.

CARLOS, Cassio Starling. **Em tempo real** – Lost, 24 Horas, Sex and the City e o Impacto das Novas Séries de TV. São Paulo: Alameda, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHAGAS, Polyana Amorim. **Transtelevisão: analisando o perfil do seriado Dexter no Facebook**. Intercom – XIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Cesmac – Maceió/AL.

CURI, Pedro P. **A TV deles: fãs brasileiros assistindo à programação norte-americana**. **Revista Comunicação**. n.10, v. 1, 2012.

FRAGOSO, Suely; AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel. **Métodos de pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

JANOTTI JR, Jeder Silveira. **Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos**. In PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (Org). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2009.

JOST, François. **Do que as séries americanas são sintoma?** Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª ed. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

FERNANDES, Paula. **Losers like me: a influência da série de TV Glee e o grupo “Glee**

Brasil”. Intercom – XIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UVV – Vila Velha/ES. 2014.

LANA, Lígia. **Acontecimentos públicos, acontecimentos privados**: a estrutura visível dos acontecimentos na mídia. Ciberlegenda, n. 26, 2012.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da Internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2012.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1999.

LUIZ, Lucio. A Expansão da Cultura Participatória no Ciberespaço: Fanzines, fan fictions, fan films e a “cultura de fã” na internet. II Simpósio ABCíber, PUC/SP, 2008.

MONTEIRO, Tiago José Lemos. As práticas do fã: identidade, consumo e produção midiática. Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – 2007.

NATAL, Georgia; VIANA, Lucina Reitenbach. Cultura do hobby: a condição do fã como produtor e colecionador de conteúdo. II Simpósio ABCíber, PUC/SP, 2008.

NOGUEIRA, Fernanda Mendes; FERREIRA, Raíssa Santos. Televisão e internet: a criação de uma mídia social para conteúdo televisivo. Monografia submetida ao Curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

NOVELI, Márcio. Do Off-line para o Online: a Netnografia como um Método de Pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a Internet?. **Organizações em contexto**, ano 6, 2010.

PIENIZ, Mônica. Novas configurações metodológicas e espaciais: etnografia do concreto à etnografia do virtual. **Revista Elementa, Comunicação e Cultura**, n.2, v. 1. Sorocaba, 2009.

PRIMO, Alex. A busca por fama na web: reputação e narcisismo na grande mídia, em blogs e no Twitter. Intercom – XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba/PR, 2009.

_____. Conflito e cooperação em interações mediadas por computador. **Contemporânea**: Revista de Comunicação e Cultura, v. 3, n. 1, 2005.

_____. Crítica da cultura da convergência: participação ou cooptação. In: DUARTE, Elizabeth Bastos, VASTRO, Maria Lília Dias de (Org.). **Convergências Midiáticas: produção ficcional – RBS TV**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. Intercom – XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB, Brasília, 2006.

RECUERO, Raquel. Comunidades em redes sociais na Internet: um estudo de caso dos

fatologs brasileiros. **LIINC em Revista**, v. 4, n. 1, 2008.

_____. Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo. **Ecompos**, v. 4, 2005.

_____. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Famecos**, n.38, 2009.

_____. **Mapeando redes sociais na Internet através da conversação mediada pelo computador**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. O Digital Trash como Mainstream: Considerações sobre a difusão de informações em redes sociais na Internet. In: PEREIRA, Vinícius Andrade (Org). **Cultura Digital Trash: Linguagens, Comportamentos e Desafios**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

_____; ZAGO, Gabriela. A Economia do Retweet: Redes, Difusão de Informações e Capital Social no Twitter. XX Encontro Nacional Compós, Porto Alegre, 2011.

_____. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

REIS, Bruna Sthefany Souza dos. Você tem WhatsApp?: um estudo sobre a apropriação do aplicativo de celular por jovens universitários de Brasília. Monografia submetida ao Curso de Comunicação Social da Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SIMÕES, Isabella de Araújo Garcia. A Sociedade em Rede e a Cibercultura: dialogando com o pensamento de Manuel Castells e de Pierre Lévy na era das novas tecnologias de comunicação. **Revista Eletrônica Temática**, ano 5, n. 5, 2009.